



Fanzines: autoralidade e expressividade na produção textual de crianças.¹³⁹

Fanzines: authorship and expressiveness in textual production of children.

Fanzines: autoría y expresividad en la producción textual de niños.

*Andrea Gomes Barbosa*¹⁴⁰

¹³⁹ Recebido em 23/11/19, versão aprovada em 23/02/2020.

¹⁴⁰ Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (2018). LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/4590035647900686>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6010-2234>. E-mail: andrea.barbosa@iff.edu.br.

RESUMO

Tendo como tema o estudo da relação entre o fanzine e a produção textual, buscou-se entender de que forma essa revista artesanal contribui para a expressividade, a criatividade e o processo de autorialidade na produção de texto por crianças. O fanzine contribui para a aproximação da criança e sua produção escrita, que deixa de ser um mero exercício, para se converter em um ato criativo, possibilitando que se torne autor de sua obra e a compartilhe com seus pares e outros públicos leitores. A pesquisa, de natureza intervencionista, sob um enfoque qualitativo teve como metodologia a pesquisa-ação. O marco teórico que guiou o processo investigativo segue os princípios sociointeracionistas. Com base nessa perspectiva, o estudo partiu da concepção de gênero de Bakhtin (2011), que trata da linguagem como um modo de interação social, e de outros estudiosos que compartilham suas ideias sobre esse tema como Marcuschi (2008), Schneuwly e Dols (2004); da proposta de sequência didática de Schneuwly, demonstrada por Dolz e Noverraz (2004); da produção de texto verbo visual de Nikolajeva e Scott (2011); e dos estudos sobre fanzine de Andraus (2013), Guimarães (2005), Santos Neto (2010), Magalhães (2013), entre outros. **PALAVRAS-CHAVE:** Fanzines – Autorialidade. Fanzines – Produção de Texto. Fanzines – Educação.

ABSTRACT

Having as theme the study of the relationship between fanzine and textual production, we sought to understand how this artisanal magazine contributes to expressiveness, creativity and the process of authoriality in text production by children. The fanzine contributes to the approach of the child and his written production, which is no longer a mere exercise, to become a creative act, allowing him to become the author of his work and share it with his peers and other reading audiences. Research, of an interventionist nature, under a qualitative approach, used research-action as its methodology. The theoretical framework that guided the investigative process follows the sociointeractionist principles. Based on this perspective, the study started from the concept of gender by Bakhtin (2011), which deals with language as a mode of social interaction, and from other scholars who share their ideas on this topic, such as Marcuschi (2008), Schneuwly and Dols (2004); Schneuwly's didactic sequence proposal, demonstrated by Dolz and Noverraz (2004); the production of visual verb text by Nikolajeva and Scott (2011); and studies on fanzine by Andraus (2013), Guimarães (2005), Santos Neto (2010), Magalhães (2013), among others. **KEYWORDS:** Fanzines - Authorship. Fanzines - Text Production. Fanzines - Education.

RESUMEN

Teniendo como tema el estudio de la relación entre fanzine y la producción textual, buscamos entender cómo esta revista artesanal contribuye a la expresividad, la creatividad y el proceso de autorralidad en la producción de textos por parte de los niños. El fanzine contribuye al enfoque del niño y su producción escrita, que ya no es un simple ejercicio, para convertirse en un acto creativo, lo que le permite convertirse en el autor de su trabajo y compartirlo con sus compañeros y otras audiencias de lectura. La investigación, de naturaleza intervencionista, bajo un enfoque cualitativo, utilizó la investigación-acción como metodología. El marco teórico que guió el proceso de investigación sigue los principios sociointeracionistas. En base a esta perspectiva, el estudio comenzó con el concepto de género de Bakhtin (2011), que trata el lenguaje como un modo de interacción social, y de otros académicos que comparten sus ideas sobre este tema, como Marcuschi (2008), Schneuwly y Dols (2004); Propuesta de secuencia didáctica de Schneuwly, demostrada por Dolz y Noverraz (2004); la producción de texto verbal verbal por Nikolajeva y Scott (2011); y estudios sobre fanzine de Andraus (2013), Guimarães (2005), Santos Neto (2010), Magalhães (2013), entre otros. **PALABRAS CLAVE:** Fanzines - Autoría. Fanzines - Producción de texto. Fanzines - Educación.

1 INTRODUÇÃO

Os fanzines são uma experiência de paixão, criação, autoralidade, rebeldia, autonomia e transgressão. Muitas práticas escolares, apesar de um discurso democrático, dialogal e participativo, são, na verdade, ainda práticas bancárias, autoritárias, domesticadoras. Quando se vai trabalhar com fanzines na escola o que não pode acontecer é eles serem construídos dentro de tais práticas que terminam por engessar a criatividade e os movimentos de transformação.

Elydio dos Santos Neto (2020)

Ultimamente muitos professores se preocupam com a prática de produção textual, dedicando-se a pesquisas e à busca de estratégias pedagógicas que desenvolvam tal habilidade. Quem lida com atividades que envolvem o ensino de produção de textos sabe o quanto é difícil despertar nos alunos o processo autoral. Este artigo relata o resultado de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras, tendo como tema o estudo da relação entre o fanzine e a produção textual, buscando entender de que forma essa revista artesanal contribui para a expressividade, a criatividade e o processo autoral nas aulas de produção de texto.

O fanzine é uma publicação artesanal e alternativa na qual se prima pela criação e autoralidade. O mesmo contribui para a aproximação do aluno com a produção escrita, possibilitando que se torne autor de sua obra e se faça ouvir. Apesar de possuir muitos fatores positivos, ainda tem sido pouco utilizado enquanto ferramenta pedagógica. Nesse sentido, o estudo realizado contribui para o desenvolvimento de estratégias facilitadoras da aprendizagem de leitura e escrita, nas aulas de língua portuguesa, através da metodologia usada na confecção de fanzines.

Segundo Renato Donisete Pinto (2013, p.18), o fanzine contribui para a aproximação do aluno com a produção escrita e, especificamente na Língua Portuguesa, demonstra o caráter abrangente, crítico e prático da língua. Além de ser um valioso exercício de leitura e escrita, possibilita ao aluno se tornar autor de sua obra e de se fazer ouvir.

O professor e pesquisador Gazy Andraus também tem contribuído com estudos e artigos sobre o tema, para ele

A importância essencial do fanzine e sua verve didática é a de impulsionar a criatividade adormecida – amortecida – da maioria das pessoas, independente de sua formação profissional e atuação. Saberem que podem criar e desenvolver textos, imagens, estruturas mesmo que básicas numa montagem simulando uma revista personalizada (ainda que de apenas uma cópia, qual seria o fanzine-arte, ou artezine), faz com que tanto alunos como docentes percebam que são autores em potencial e que o desenvolvimento das ideias lhes coloca frente a um processamento criativo prazeroso que pode levá-los ao autodesenvolvimento e autoconhecimento, pelo menos das potencialidades e do que podem extrair e compartilhar (ANDRAUS, 2013, p. 93).

Apesar de tantos fatores positivos, são escassos trabalhos que apontem o uso do fanzine efetivamente empregado pelo professor de português no ensino da produção de textos.

2 A PRODUÇÃO DE TEXTOS AUTORAIS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O conceito de autoralidade, essencial para a compreensão desse artigo e suas análises, será adotado como nas mais recentes pesquisas de Dominique Maingueneau (2016), cuja atualização no conceito consagrado de autoria nos remete aos valores que desejamos para a formação leitora praticada na sociedade, sobretudo na infância. Segundo Maingueneau, a diferença entre autoralidade e autoria seria verificada nos processos de publicação dos textos, cujas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) devolvem para o controle das pessoas, mas que progressivamente já se expressava no recurso do fanzine e outras mídias disseminadas socialmente, no contexto da cultura underground ocidental. Segundo Maingueneau:

É o caso, em particular, do que chamo de “discursos constituintes”, que mantêm, por natureza, uma relação forte com a autoralidade e a pseudonímia. O que faz com dos discursos constituintes um observatório privilegiado da pseudonímia é que os produtores de textos que deles relevam devem assumir sua posição de autor em função do Absoluto em nome do qual eles falam: há um envelopamento recíproco entre o “conteúdo” das obras e as condições biográficas e institucionais que as tornam possíveis. O autor não é mais um simples indivíduo: ele existe em função de um mundo paratópico (literário, filosófico, científico, religioso...), ao mesmo tempo contemporâneo e imemorial, do qual ele é um autor (MAINGUENEAU, 2016, p. 107).

Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destacam a importância do domínio da língua para a plena participação social e enfatizam que cabe à escola promover a ampliação do letramento dos alunos, progressivamente, de forma que cada aluno se torne capaz de interpretar textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (2001, p. 23). O trabalho com produções de textos ao longo do Ensino Fundamental deve ter como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes. Segundo os PCN,

Um escritor competente é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. [...] é alguém que planeja o discurso e conseqüentemente o texto em função do seu objetivo e do leitor a que se destina, sem desconsiderar as características específicas do gênero. [...] Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerar satisfatório para o momento. É, ainda, um leitor

competente, capaz de recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção (BRASIL, 2001, p. 65).

O documento enfatiza a necessidade de uma prática continuada de produção de uma grande variedade de textos na sala de aula e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos (2001, p. 68). Para isso, cita alguns procedimentos didáticos para que tais práticas sejam implementadas, no primeiro segmento do Ensino Fundamental, como oferecer aos alunos textos escritos impressos de boa qualidade, solicitar que produzam textos mesmo antes de saber grafá-los, propor situações de produção em pequenos grupos nas quais os alunos compartilhem as atividades, embora realizando diferentes tarefas. São sugeridas, também, algumas situações didáticas para a prática de produção de textos: projetos, textos provisórios, produção com apoio e situações de criação como oficinas ou ateliês de produção.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o eixo da produção de textos deve compreender as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria, individual ou coletiva, do texto escrito, oral e multissemiótico com diferentes finalidades além de projetos enunciativos (BRASIL, 2017, p. 510). Assim, justifica-se o uso do fanzine no meio educacional, publicação artesanal e alternativa, na qual se prima pela criação e autoria. Em uma das habilidades relacionadas ao campo da vida pessoal, o aluno deverá:

Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc (BRASIL, 2017, p. 511)

Apesar de a BNCC relacionar o fanzine e o e-zine às competências e habilidades referentes ao segundo segmento do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, estes também podem ser utilizados como recurso de leitura e escrita em qualquer etapa de ensino. A própria BNCC afirma que outros gêneros, além daqueles cuja abordagem é sugerida, podem e devem ser incorporados aos currículos das escolas e, assim como já salientado, os gêneros podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados (BRASIL, 2017, p. 139).

Com base nos princípios sociointeracionistas, e a partir de leitura que estudiosos fizeram da teoria bakhtiniana, são apresentados a seguir conceitos que embasaram a formulação de proposta para a prática da produção textual escrita utilizando os fanzines.

Segundo Marcuschi (2008, p. 61), a língua pode ser vista sob vários pontos de vistas teóricos: como forma ou estrutura, como instrumento, como atividade cognitiva ou como

atividade sociointerativa situada. Trabalhamos com a última perspectiva, na qual a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. Assim, ele a define:

Tomo a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura. De outro ponto de vista, pode-se dizer que a língua é um sistema de prática sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples (MARCUSCHI, 2008, p. 61).

A função mais importante da língua, por conseguinte, é a de inserir os indivíduos em contextos sócio-históricos e permitir que se entendam. Assim, sem negar a individualidade e a responsabilidade pessoal, pode-se afirmar que as formas enunciativas e as possibilidades enunciativas não emanam de um indivíduo isolado e sim de um indivíduo numa sociedade e no contexto de uma instituição (MARCUSCHI, 2008, P. 67).

Ainda segundo os PCN, é através da linguagem que os indivíduos se entendem, por meio de interação verbal, e produzir linguagem significa produzir discursos, dizer algo para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico (BRASIL, 2001, p.25). O discurso manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Desse modo, o texto é definido pelas diretrizes curriculares:

[...] pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja a sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados (BRASIL, 2001, p.25).

Pode-se dizer que o texto é a base do processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa e que o mesmo se organiza dentro de um determinado gênero. Bakhtin (2011, p. 262) define os gêneros como “*tipos relativamente estáveis* (grifo do autor) de enunciados” e destaca que eles se constituem a partir do campo de atividade desenvolvida pelos sujeitos e refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo através de três elementos – o conteúdo, o estilo e a construção composicional. Bakhtin (2011, p. 283) destaca ainda que a diversidade de gêneros é muito grande e é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação.

A riqueza e diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, P. 262).

A perspectiva bakhtiniana fornece subsídios teóricos a vários estudos e pesquisas sobre os gêneros do discurso. Dentre esses, destaca-se a sequência didática, estratégia de ensino abordada a seguir.

Se os gêneros favorecem a interação entre os sujeitos e muitos alunos apresentam dificuldade em relação às habilidades de leitura e escrita, é necessário que o professor repense o seu fazer pedagógico planejando atividades que permitam a ampliação do domínio discursivo dos alunos. Partindo desse pensamento, os pesquisadores Schneuwly, Dolz *et alii* (2004, p. 44) discutem o trabalho com os gêneros, na perspectiva bakhtiniana, considerando que todo gênero se define por três dimensões essenciais:

- os conteúdos que são dizíveis por meio dele;
- a estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- as configurações específicas das unidades de linguagem que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura.

Schneuwly e Dolz (2004) discutem a importância das intervenções dos professores que devem buscar novas estratégias de ensino e apresentam um instrumento para o planejamento do ensino de gêneros específicos: a sequência didática.

Finalmente, as estratégias de ensino supõem a busca de intervenções no meio escolar que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor maestria dos gêneros e das situações de comunicação que lhes correspondem. Trata-se, fundamentalmente, de se fornecerem aos alunos os instrumentos necessários para progredir. Para fazê-lo, as atividades comunicativas complexas que os alunos ainda não estão aptos a realizar de maneira autônoma serão, de certa maneira, decompostas, o que permitirá abordar um a um, separadamente, os componentes que colocam problema para eles. As intervenções sociais, a ação recíproca dos membros do grupo e, em particular, as intervenções formalizadas nas instituições escolares são fundamentais para a organização das aprendizagens em geral e para o processo de apropriação de gêneros em particular. Nesse sentido, as sequências didáticas são instrumentos que podem guiar as intervenções dos professores (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 45).

A sequência didática é definida como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (DOLZ; NOVERRAZ, 2004, p. 82) e se estrutura levando em consideração os quatro componentes descritos a seguir:

- apresentação da situação de comunicação - expor aos alunos o contexto de produção, o(s) gênero(s) abordado(s), os possíveis destinatários, que forma assumirá a produção, as etapas a serem percorridas até a produção final;
- produção inicial – primeiro texto, oral ou escrito, que corresponda ao gênero trabalhado. Permite avaliar as capacidades já adquiridas pelos alunos e ajustar as atividades e os exercícios previstos para os módulos de acordo com as possibilidades e dificuldades da turma;
- módulos – trabalham os problemas que apareceram na primeira produção dando aos alunos os instrumentos necessários para superá-los. Se desenvolvem a partir de três princípios:
 - I. trabalhar problemas de níveis diferentes;
 - II. variar as atividades e exercícios;
 - III. capitalizar as aquisições.
- produção final – o aluno põe em prática o que aprendeu durante os módulos e também permite que o professor faça uma avaliação somativa.

Todas essas etapas nortearam o trabalho com o fanzine proposto na intervenção aqui descrita e analisada.

3 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS FANZINES: DO ARTESANAL AO ELETRÔNICO

Os primeiros fanzines surgiram nos Estados Unidos e eram feitos por leitores de revistas profissionais de ficção científica, na década de 1930, embora a palavra fanzine tenha sido criada mais tarde, em 1941, por Russ Chauvenet, também nos EUA. O primeiro fanzine se chamava *The Comet* e era voltado para ficção científica.

A origem desse termo encontra-se na contração das palavras inglesas “**fan**atic” e “magaz**ine**”, ou seja, revista do fã. Assim Henrique Magalhães define:

Os fanzines são publicações de fãs – ou aficionados – por algum tema artístico que se dirigem a outros fãs que tenham o mesmo interesse. São publicações amadoras, sem fins lucrativos, feitas geralmente de forma artesanal, em pequenas tiragens, que visam à liberdade de expressão de seus produtores, à troca de informações com o grupo, ao exercício artístico, à crítica e à divulgação da obra de novos autores (MAGALHÃES, 2013, p. 54).

No Brasil, *Ficção* é o primeiro fanzine de que se tem registro, criado por Edson Rontani em 12 de outubro de 1965, em Piracicaba. Nessa época usava-se o termo boletim para designar as publicações amadoras, o termo fanzine só começou a ser utilizado a partir dos meados da década de 70 (GUIMARÃES, 2005, p. 14).

O fanzine espalhou-se pelo mundo sendo considerado um paratópico por estar à margem do conhecimento oficial de editoração. Ganhou força e começou a ser amplamente utilizado por jovens estudantes como mídia alternativa nos anos 70, como contestação do sistema social vigente. Segundo Andraus, nesse contexto, “seria a contracultura ou mesmo o ‘*underground*’ – movimento independente de tudo que diz respeito à cultura massificada ou de consumo” (ANDRAUS, 2013, p.85).

Nessa mesma época, os zines ganharam força através do surgimento do movimento punk. Sobre esse período, afirma Márcio Sno,

Com sua postura agressiva e discurso conta o *status quo*, os punks encontraram nos zines importante veículo para veicular suas ideias, ideais e sons. Nesse período o zine Sniffing Glue, de Marky Pessy, com o lema “*do it your self*” (faça você mesmo) incentivou outras pessoas a produzirem seus próprios zines (SNO, 2014, p.4).

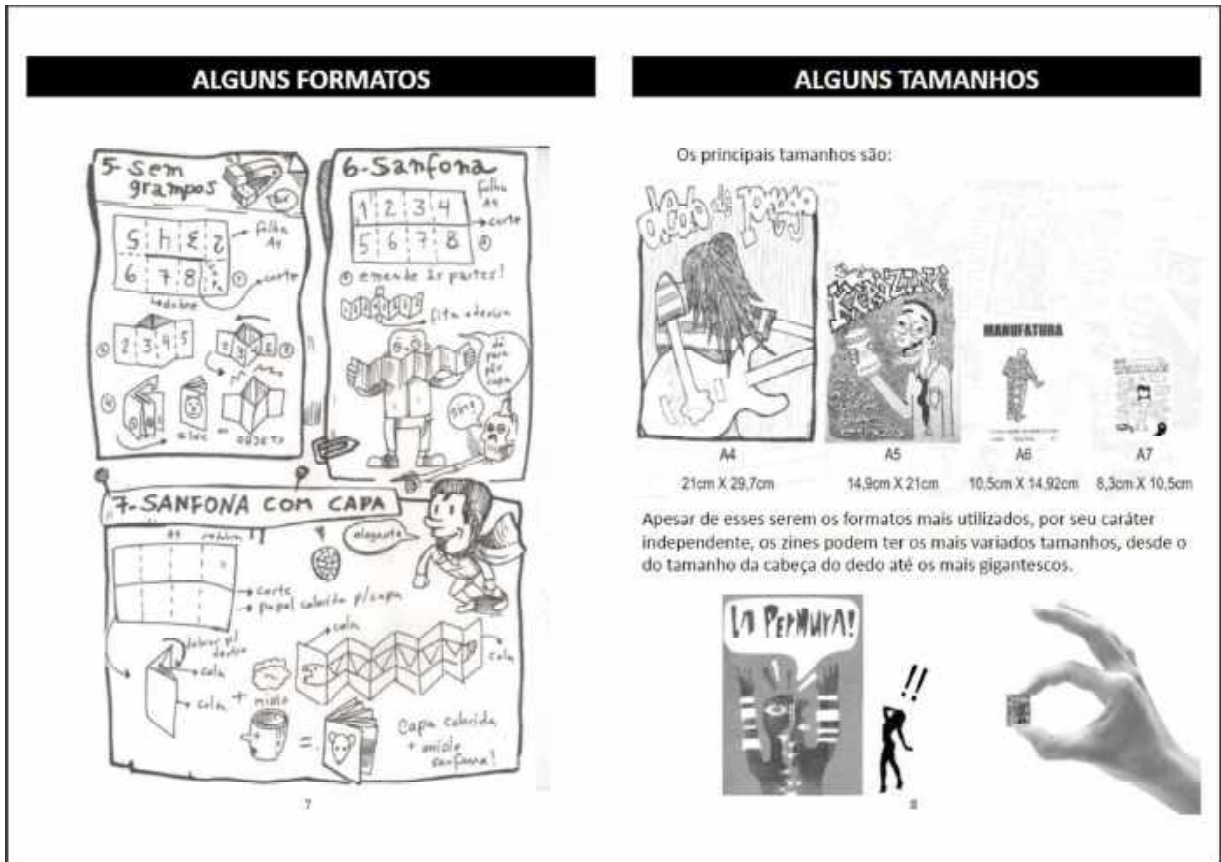
O fanzine foi, até a metade da década de 1990, o principal veículo de divulgação de artistas independentes e, com a chegada da internet, deixou de ter exclusivamente esse papel, passando a ser visto como uma plataforma para socializar trabalhos artísticos, com formatos e temas variados. Há fanzines sobre os mais diversos assuntos: de quadrinhos, de ficção científica e de horror, de música e literário, filosóficos e experimentais e o biograficzine (ou fanzine autobiográfico), entre outros temas.

Todo o processo editorial do fanzine é controlado por seus autores, desde a concepção da ideia até a coleta de informações, a diagramação, a composição, a ilustração, a montagem, a paginação, a divulgação, a distribuição e a venda. Para Henrique Magalhães, professor e quadrinista, essa é uma das características mais importantes dos fanzines já que dá ao editor maior liberdade de criação e execução da ideia, embora exija mais tempo e habilidade (MAGALHÃES, 2013, p. 45).

Edgar Guimarães destaca a simplicidade, quando se quer fazer um original, para ser reproduzido através de fotocópias, já que são necessários pouquíssimos recursos:

A maneira mais simples de fazer um original de fanzine, que vá ser reproduzido em xerox utiliza apenas papel, caneta (ou máquina de escrever) e cola. O editor escreve ou coleta o material escrito, seleciona as ilustrações, faz a montagem do material em folhas de papel no formato que vai ser reproduzido. Após a impressão em xerox de um certo número de cópias de cada original, o editor deve montar cada exemplar e grampeá-lo (GUIMARÃES, 2005, p. 23).

Figura 1: Formatos de Fanzine



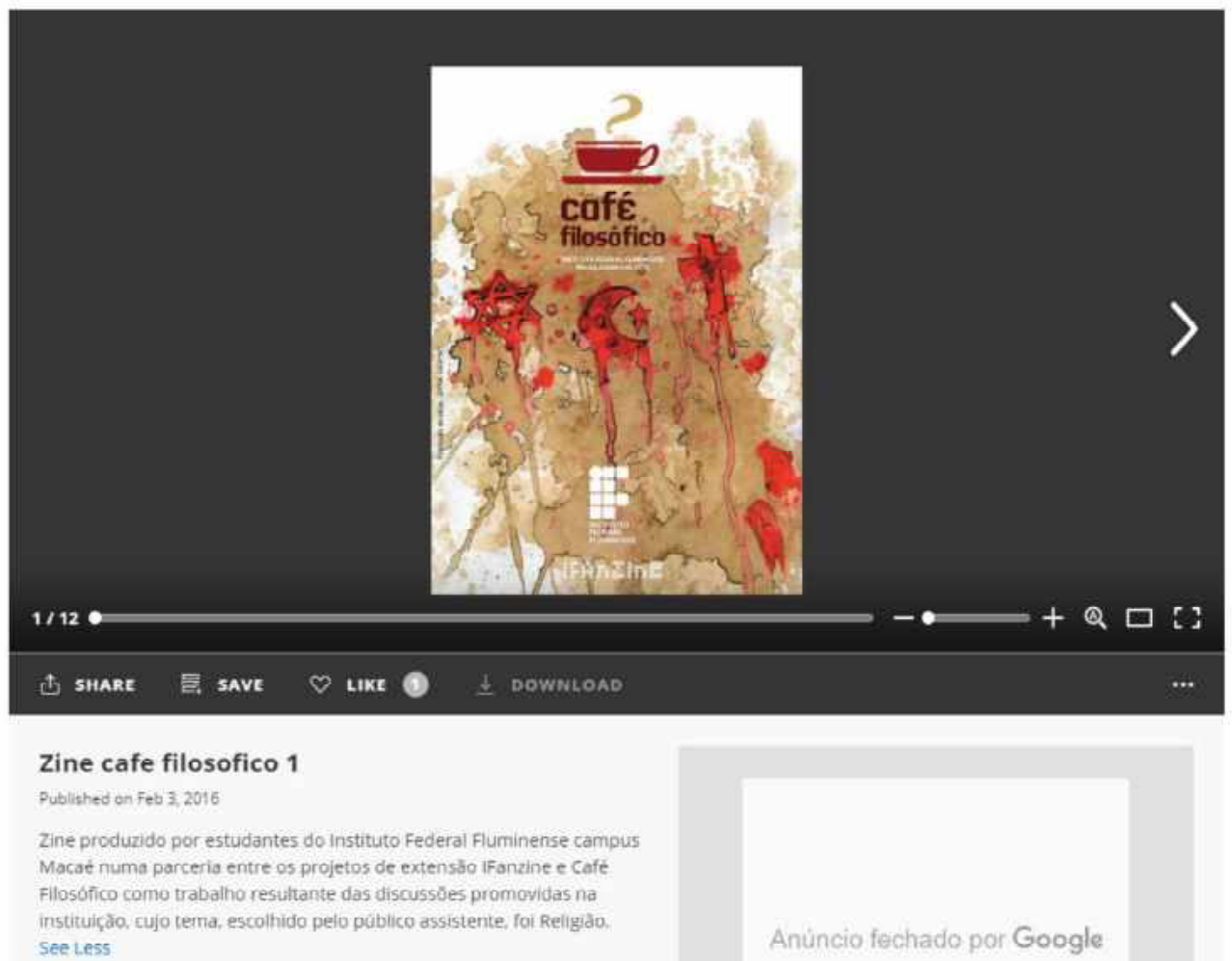
Fonte: (SNO, 2014, p. 7-8).

Figuras 2 e 3: Zine POP-UP “A praga das galinhas”



Fonte: Registro fotográfico de Andrea Gomes Barbosa, 2019.

Figura 4: Zine Café Filosófico



Fonte: Arquivo em Slideshare. Disponível em: https://issuu.com/ifanzine/docs/zine_cafe_filosofico_1. Acesso em 23 fev. 2020.

Os formatos e tamanhos dos zines também são diversos, mas os mais utilizados são os A5 (folhas A4 dobradas ao meio) e A6 (uma folha com duas dobras). A primeira ilustração da figura 1 refere-se a passos que devem ser seguidos para produzir o *no staples* ou fanzine de bolso como é conhecido no Brasil. Com apenas uma folha de tamanho A4 é possível fazer um zine de 8 páginas, sem utilizar cola ou grampos.

Recentemente os zines têm ganhado novos formatos, variadas técnicas são aplicadas como, por exemplo, o pop-up. Nesse formato há a presença de abas, dobraduras, janelas fazendo com que as ilustrações se movam ou saltem na página, técnica também conhecida como engenharia de papel. As figuras 2 e 3 ilustram um exemplo de zine pop-up.

Com o avanço da internet, um outro formato encontrado atualmente é o “e-zine”, um fanzine eletrônico. O termo surgiu da contração das palavras *eletronic* e *fanzine*. Nesse formato, mantêm-se as características de uma revista, entretanto a sua distribuição é feita por e-mail ou

por postagem em um *site*. A figura 4 ilustra uma página eletrônica onde o projeto de extensão Iffanzine, coordenado por Alberto de Souza, docente e pesquisador, disponibilizados no sistema *Slideshare* as edições dos e-zines produzidos pela equipe do projeto.

Os formatos variados oferecem ao fanzineiro a possibilidade de, além de criar o seu texto, seja ele verbal e/ou imagético, também escolher dentre os diversos formatos já existentes (ou até criar o seu), contribuindo para o seu processo autoral através de uma produção única.

4 OS FANZINES COMO MÍDIA E LINGUAGEM DE AUTORALIDADE

Recentemente, o uso de fanzines como um recurso de apropriação da linguagem e seus registros, da leitura, escrita e narrativa sido tema de estudos e pesquisas. Professores e pesquisadores favoráveis à utilização dessas revistas artesanais como recurso destacam os seguintes pontos positivos sobre os zines: propiciam o desenvolvimento de criatividade, expressividade, autoralidade e o trabalho em equipe; empregados como suportes de narrativas ficcionais, podem, se bem utilizados, fomentar o pensamento divergente e a convivência com pontos de vista diferentes; podem ser empregados no trabalho com qualquer componente curricular de forma reflexiva, consciente e criativa; colaboram eficazmente em processos educacionais que precisam estabelecer conexões transversais, inter e transdisciplinares; servem como instrumento eficaz de avaliação, especialmente quando são relacionados com processos contínuos ou como uma maneira de averiguar os conhecimentos acumulados pelo estudante.

No meio educacional, onde práticas educativas inovadoras buscam despertar tanto no docente como nos alunos uma educação para autonomia que desenvolva a expressividade e autoralidade, o uso de fanzines é visto como um caminho viável. Gazy Andraus defende o seu uso didático e afirma que a produção de um zine é um processo criativo prazeroso e faz com que professores e alunos percebam que são autores em potencial:

[...] um fanzine (ou zine) é na realidade um instrumento que permite ao autor desenvolver melhor suas ideias que muitas vezes não têm espaço e nem local propício para serem liberadas, já que o excesso de rigor cientificista cartesiano oriundo de anos de formatação (e cristalização) no ensino acadêmico levou a coibir a expressão, prejudicando o desenvolvimento pessoal no quesito da expressão artística em geral. Os fanzines, então, sob esse prisma das possibilidades, são imprescindíveis e importantíssimos catalisadores proeminentes (e agregadores fraternais) que precisam urgentemente ser adotados nas escolas e até nas universidades (ANDRAUS, 2013, p. 92).

Ultimamente, tem crescido o número de professores que utilizam o fanzine em atividades com fins educacionais, seja em escolas públicas ou privadas, em várias etapas do

ensino, do fundamental à pós-graduação. Além de ser um estímulo à criatividade e à produção autônoma, pode-se trabalhar qualquer disciplina de forma reflexiva, consciente e criativa (CAMPOS, 2009, p. 71).

No artigo intitulado “Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico”, a professora Ioneide Nascimento (2010, p.121) relata a sua percepção sobre o fanzine a partir de suas experiências tanto no Curso Normal Superior como com estudantes do Ensino Fundamental. Segundo ela,

Por um lado, o trabalho com fanzine permite que os estudantes assumam seu papel de sujeitos desse processo e se envolvam com mais entusiasmo em um projeto que cada dia se torna mais autônomo.

Por outro lado, ainda carece de maior divulgação e discussão nos meios educacionais as várias possibilidades do fanzine como recurso pedagógico. Os educadores precisam vislumbrar a importância desempenhada pelo fanzine na constituição de valores éticos e estéticos no exercício da cidadania e constituição dos educandos. E que o fanzine na sala de aula seja instrumento de ampliação de horizontes, favorecendo aos estudantes um processo de inserção crítica e renovadora do ambiente que o cerca (NASCIMENTO, 2010, p. 132).

Apesar de tantos benefícios, Renato Donisete Pinto, em seu livro “Fanzine na educação: algumas experiências em sala de aula”, faz um alerta:

Os fanzines são uma experiência de paixão, criação, autoralidade, rebeldia, autonomia e transgressão. Muitas práticas escolares, apesar de um discurso democrático, dialogal e participativo, são, na verdade, ainda práticas bancárias, autoritárias, domesticadoras. Quando se vai trabalhar com fanzines na escola o que não pode acontecer é eles serem construídos dentro de tais práticas que terminam por engessar a criatividade e os movimentos de transformação. É uma negação do espírito fanzineiro (PINTO, 2013, p. 11).

Cabe, então, não somente ao professor, mas a qualquer profissional que queira desenvolver atividades com fins educacionais utilizando o fanzine como um instrumento pedagógico, permitir que o aluno possa, de fato, ter autonomia para se expressar e, por que não, transgredir, se necessário for.

Embora o fanzine já esteja sendo utilizado no meio educacional, em várias disciplinas e até em atividades interdisciplinares, praticamente não há literatura que aborde teoricamente a sua relação com a língua portuguesa, mais precisamente com o ensino de leitura e escrita, e são poucos os relatórios de pesquisa que abordam o tema. Dessa forma, será feita a seguir uma rápida abordagem teórica da relação do fanzine e a produção textual.

Sendo o fanzine um impresso que se assemelha a uma revista ou jornal, nele podem ser encontrados vários gêneros textuais, servindo de suporte tanto para textos verbais como não verbais, textos críticos e opinativos sobre produção cultural como a republicação de trabalhos

oriundos de outras publicações e/ou textos inéditos, além de imagens coletadas em outros impressos ou desenhos feitos para esse fim (NASCIMENTO, 2010, p. 122).

O fanzine apresenta uma diversidade de textos imagéticos ou não, que são frutos de informações e conhecimentos fabricados no mundo social, no cotidiano e que, ao serem transportados para o impresso, instigam o diálogo feito pelo faneditor ou zineiro, suscitando a autonomia de sujeitos aprendentes. O fanzine funciona como um veículo de disseminação de ideias, não se prendendo às amarras ditadas pela grande imprensa. [...] revela-se também como um instrumento enriquecedor das “vozes” dos estudantes, comunicando significados, construindo e reconstruindo saberes (NASCIMENTO, 2010, p. 125).

Embora haja quem trate o fanzine como um suporte, a questão é um tanto controversa. Consta-se no mesmo, um conflito entre as noções de gênero e veículo já que há mais de um propósito comunicativo. Pesquisadores e estudiosos afirmam que estudos sistemáticos a respeito do suporte de gêneros textuais é uma discussão ainda em andamento e muitas são as indagações conforme afirma Marcuschi (2008, p. 173). Para ele,

A ideia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda estão por ser discutidos a natureza e o alcance dessa interferência ou desse papel. Uma importância preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. Contudo, essa posição é questionável, pois há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

Marcuschi (2008, p. 174) define o suporte de um gênero como um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto, comportando três aspectos: a) suporte é um lugar (físico ou virtual); b) suporte tem formato específico; c) suporte serve para fixar e mostrar o texto. O autor enfatiza que se deve considerar que a função básica dos suportes é **fixar** (grifo do autor) os gêneros e não veicular ou transportar ou circular o texto como tal.

Como afirmou Marcuschi, há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. O fanzine parece se encaixar nesses “casos complexos” e merece uma investigação mais acurada. Apesar de sua semelhança com uma revista, não podemos reduzir o seu conceito à noção de veículo textual, como afirmam Chagas e Rodrigues:

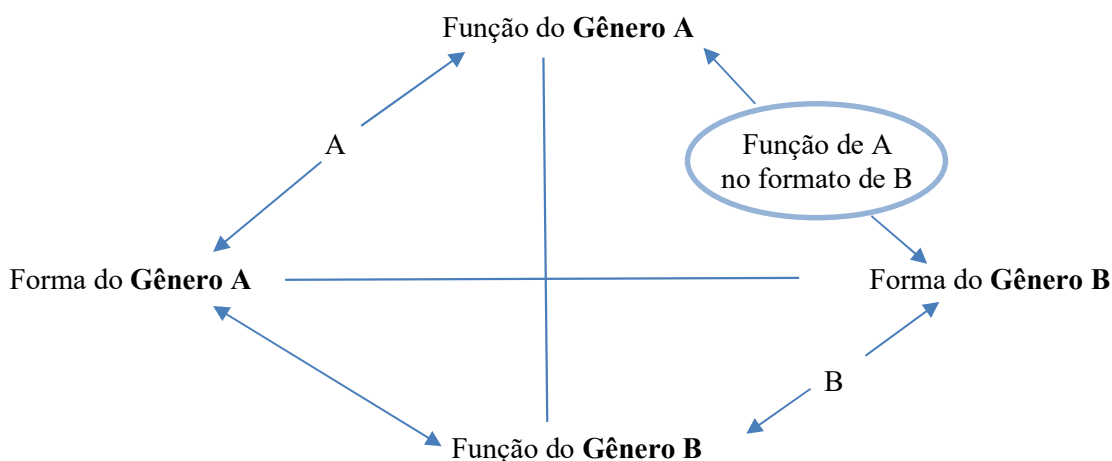
[...] Note-se que os fanzines estão deixando de ser uma revista de fã, feita pelo fã, para abrigar uma mescla de diferentes assuntos, um texto híbrido, de difícil “rotulação” pelo leitor. Em muitos casos, o fanzine não é reconhecido como gênero específico, mas como “revistinha”, “folheto” ou “história em quadrinhos”. A tiragem é fotocopiada, em diversos formatos de dobraduras. Sua veiculação se processa de modo não ortodoxo. Não raro, as edições são distribuídas gratuitamente. O mercado

desse tipo de publicação restringe-se aos próprios fanzineiros (CHAGAS; RODRIGUES, 2006, p. 153).

Ainda segundo as autoras, a partir do uso dos diversos gêneros textuais, utilizados aparentemente de maneira caótica para os olhos que não estão acostumados, o zine pretende repensar conceitos estéticos e editoriais presentes na maioria das publicações, discutindo acerca do comportamento social e individual do seu tempo. Dessa forma, assim o definem: [...] o fanzine não se constitui, meramente, em um veículo alternativo de informação, pois trata-se, com efeito, de um gênero textual híbrido [...] que atualmente se dispõe a ser uma forma alternativa de interação humana, criação e consumo de informação (CHAGAS; RODRIGUES, 2006, p. 153).

Partindo de estudos de vários autores, em especial Bakhtin, Marcuschi (2008, p. 163) afirma que os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros. A figura a seguir representa o fenômeno de hibridização, ou da intergenericidade, proposto pelo autor ao analisar uma publicidade no formato de uma bula de remédio e um artigo no formato de um poema.

Figura 5: Diagrama do fenômeno da hibridização de gêneros literários



Fonte: (MARCUSCHI, 2008, p.163).

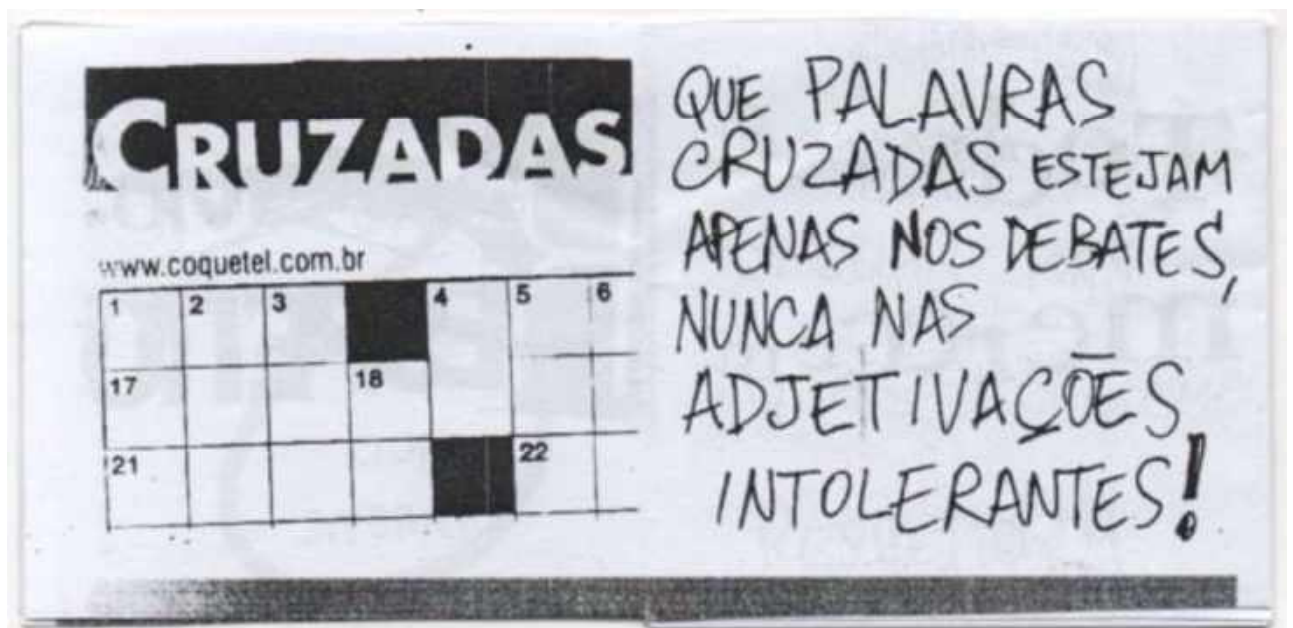
Conforme afirmou Marcuschi, o infográfico por ele desenvolvido é uma tentativa de representar a intertextualidade tipológica. Marcuschi (2008, p. 166) chama a atenção para problemas bastante complexos no caso dessa análise, ressaltando que não há evidências que se possa distinguir com clareza total entre formas e funções e é provável que a intergenericidade seja uma situação mais natural e normal do que imaginamos, além do que os textos convivem em geral em interação constante.

Figura 6: Amostra de arte original do fanzine Marx na Atualidade, com técnica de colagem



Fonte: Registro fotográfico de Andrea Gomes Barbosa, 2018.

Figura 7: Uso metafórico das palavras cruzadas em arte original do fanzine #ÉCoisaDoIFF



Fonte: Registro fotográfico de Andrea Gomes Barbosa, 2018.

Assim como em outros gêneros textuais, durante o processo de escrita de alguns fanzines também acontecem relações dialógicas com outros textos, como verificamos na página anterior (figura 6), no zine Marx na Atualidade, um trabalho desenvolvido pelo professor de Filosofia Leonardo Berbat em parceria com o projeto de extensão Ifanzine, sob coordenação de Alberto de Souza.

Observe que o autor, que podemos assim denominar “zineiro”, toma como ponto de partida o dito popular “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, servindo este de base para sua nova criação. Outro exemplo de intertextualidade pode ser verificado no fanzine #ÉCoisaDoIFF, produzido através de parceria entre a Fanzinoteca do Instituto Federal Fluminense *campus* Macaé, o Resultados da procura Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI Macaé), o Núcleo de Gênero (NUGEN) e o Grêmio Estudantil Pégasus.

O fenômeno de hibridização, ou da intergenericidade, proposto por Marcuschi é bastante usual no processo de produção textual de fanzines. É possível dizer que a hibridização, ao mesmo tempo que horizontaliza linguagens e modelos de produção do registro dos conhecimentos, também borra as fronteiras das linguagens e mídias, que já possuem cânones próprios.

O cânone ou cânon é um conceito modelar, denominado pela palavra grega *κανόνας*, que significa originalmente uma vara utilizada como instrumento de medida. Esse modelo geralmente tem um componente de estética, que se encontra presente nas Belas Artes. Para conhecer os cânones da literatura, os especialistas recorrem às produções premiadas, mais lidas ou melhor classificadas, nas obras de arte e literárias. Como as narrativas sequenciais gráficas são componentes da Nona Arte, ou seja, mais novas na história da humanidade, muitos autores tentam captar cânones adequados. Russ Kick (2014), é um dos pesquisadores que tem se debruçado sobre a importante questão dos cânones gráficos. Nesse meio fanzineiro é comum burlar-se o cânon de vários gêneros literários e gráficos, fazendo uma mescla de formas e funções, como podemos perceber nos três exemplos a seguir.

Para analisarmos o diagrama da figura 8 tomemos como ponto de partida as definições dos verbetes “fanzine”, “*e-zine*”, “anúncio” e “propaganda” publicadas no dicionário de gêneros textuais (COSTA, 2012):

FANZINE: [...]“Fanzine (*fanatic + magazine*) são publicações impressas, fora das estruturas comerciais de produção cultural, feita por pessoas interessadas na divulgação ou na (re)produção de história em quadrinhos, poemas, ficção científica, informação sobre bandas independentes, experimentações gráficas, entre outras expressões artísticas”. [...] Numa linguagem textual e gráfica experimental, que foge

aos padrões convencionais, pode ser produzida desde a forma mais rudimentar (folha feita à mão, mimeografada, xerocada...) até a forma de jornal ou revista padrões. De baixo custo, pode ser vendido informalmente por seus próprios produtores e editores diretamente aos leitores interessados nesse tipo de publicação. Com o advento da internet, nasceram os *blogzines*, *e-zines* e *web-zines* (v. todos) (COSTA, 2012, p. 124).

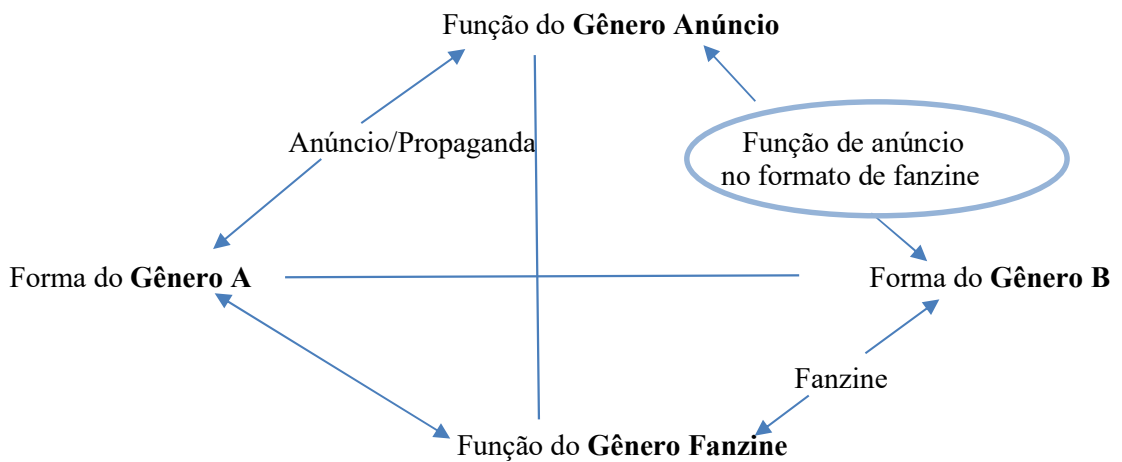
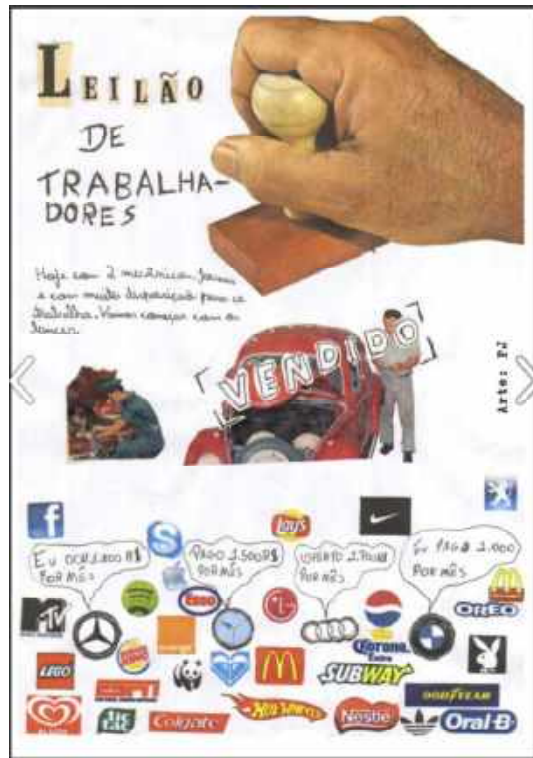
E-ZINE: o *e-zine*, (fan)zine eletrônico, é um e-gênero marcadamente marginal. E-gênero porque faz parte das práticas culturais discursivas do espaço cibernético; marginal, porque essas práticas são típicas de “gêneros que se colocam à margem do processo de produção cultural institucionalmente constituído e valorizado” (apud ZAVAM, 2007, p. 110). No *e-zine*, os *e-zineiros* quebram os padrões convencionais linguístico-discursivos e culturais, modificando as relações de poder. Vozes reprimidas pelos meios tradicionais de comunicação emergem com a liberação de emissão que a internet possibilita. [...] Conteúdo e estilo rebeldes, contestadores, descontraídos, marginais se refletem no quadro da enunciação de maneira específica e singular, sem o padrão de confiabilidade e autoridade do estilo jornalístico de revistas tradicionais *on-line*, nas quais predominam um conteúdo temático cultural, uma língua culta e uma escolha genérica, socialmente mais valorizados.[...] A “língua marginal” em que se publica esse conteúdo concretiza-se nas escolhas linguístico-discursivas, lexicais e sintáticas, próprias de um estilo rebelde e contestador e pode ser vista em enunciados concretos que circulam em *e-zines* [...] (COSTA, 2012, P. 121).

ANÚNCIO: notícia ou aviso por meio do qual se divulga algo ao público, ou seja, a criação de alguma mensagem de propaganda com objetivos comerciais, institucionais, políticos, culturais, religiosos, etc. Como publicidade, trata-se de uma mensagem que procura transmitir ao público, por meio de recursos técnicos, multissemióticos e através de veículos de comunicação, as qualidades e os eventuais benefícios de determinada marca, produto, serviço ou instituição. [...] (COSTA, 2012, P.36).

PROPAGANDA: o discurso publicitário usa *outdoors*, televisão, rádio, jornal, revista, internet para vender seus produtos através de mensagens que procuram convencer para conseguir consumidores, cujas mensagens geralmente são curtas, breves, diretas e positivas, com predomínio da forma imperativa [...]. Aliado a essa estratégia discursiva verbal, o texto publicitário compõe-se também de linguagem não verbal, em que o formato do suporte, as imagens, ilustrações e animações são de grande importância na construção de um discurso que explora os desejos de consumo da sociedade moderna.[...] É um gênero textual essencialmente multissemiótico, em que os argumentos de venda, embora pareçam lógicos, caracterizam-se por apelos totalmente emocionais e pelo uso de padrões sociais, estéticos, etc, estereotipados (COSTA, 2012, p. 196).

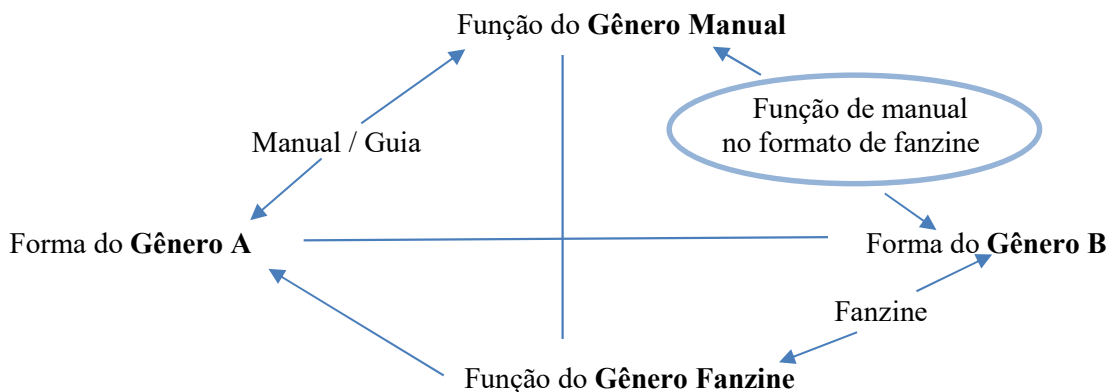
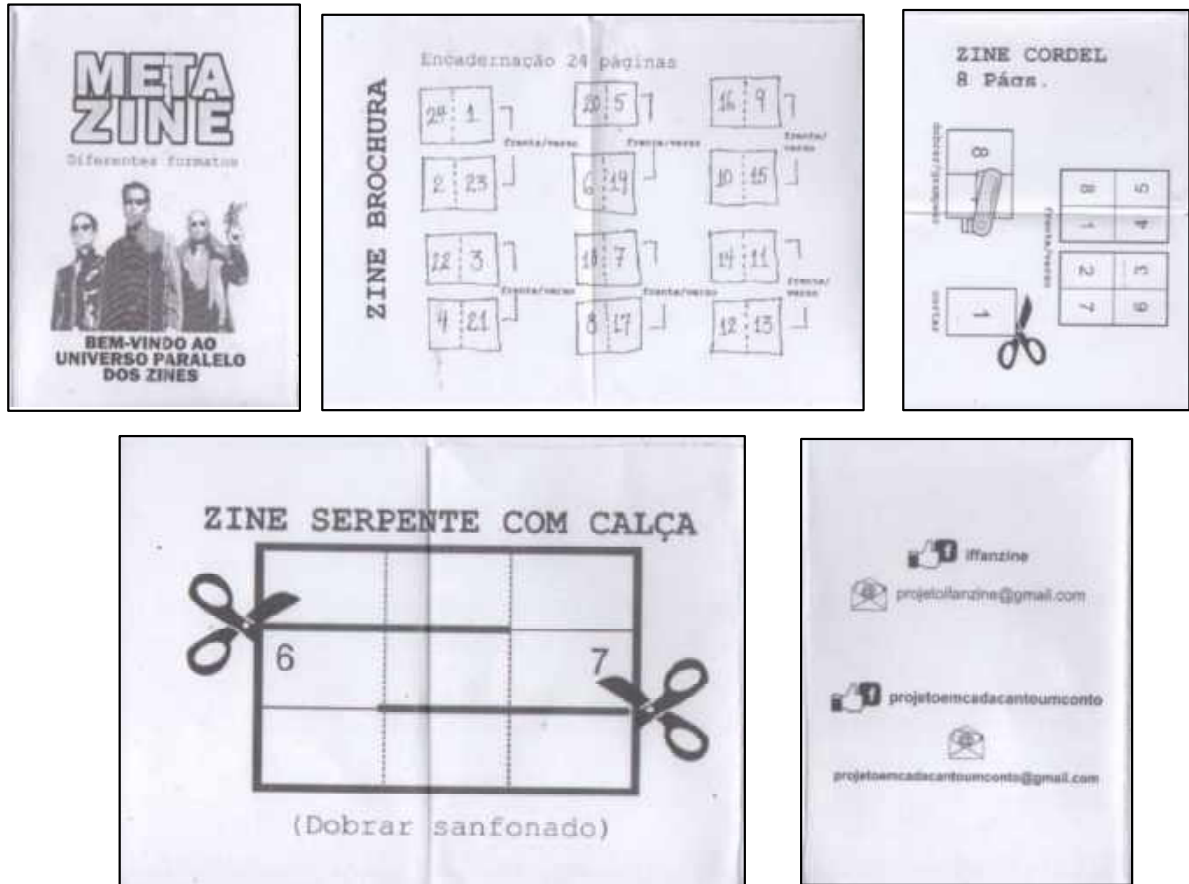
A arte registrada na figura 8, compõe o Zine Marx na Atualidade, e foi produzido por um aluno do Ensino Médio. Constatamos que o autor burlou o cânone não só de um gênero, fazendo uma mescla de formas e funções de vários gêneros. É um texto multissemiótico, pois representa imagetivamente uma informação de modo que o leitor tem, além do texto verbal, textos visuais que propõem outras mensagens em outras linguagens em relação ao conteúdo em questão. Produzido de forma rudimentar, com recortes de letras e figuras, folha feita a mão e depois xerocada (e disponibilizada na internet), há quebras dos padrões convencionais linguísticos-discursivos e culturais, com presença de conteúdo contestador, marcas estas relacionadas à forma e conteúdos dos fanzines e *e-zines*.

Figura 8: Função do gênero anúncio no formato de fanzine



Fonte: Registro fotográfico e análise pelo diagrama de Marcuschi, por Andrea Gomes Barbosa, 2018.

Figura 9: Função do gênero manual no formato de fanzine



Fonte: Registro fotográfico e análise pelo diagrama de Marcuschi, por Andrea Gomes Barbosa, 2018.

Entretanto, também constatamos características próprias de um discurso publicitário, presentes em anúncios e propagandas, uma mensagem que procura transmitir ao público, por meio de recursos técnicos, multissemióticos e através de veículos de comunicação, as qualidades e os eventuais benefícios de determinada marca, produto ou serviço. O texto

publicitário, gênero essencialmente semiótico, também se compõe de linguagem não verbal em que o formato do suporte, as imagens e ilustrações são de grande importância na construção do discurso. Por meio desse exemplo, podemos perceber o fenômeno de hibridização proposto por Marcuschi (2008, p. 166), constatando como vários gêneros se interpenetram para constituírem um outro gênero. E, como afirmado pelo próprio autor, essa análise é complexa, já que não se pode distinguir com clareza total entre as formas e funções de cada gênero que compõe o texto híbrido.

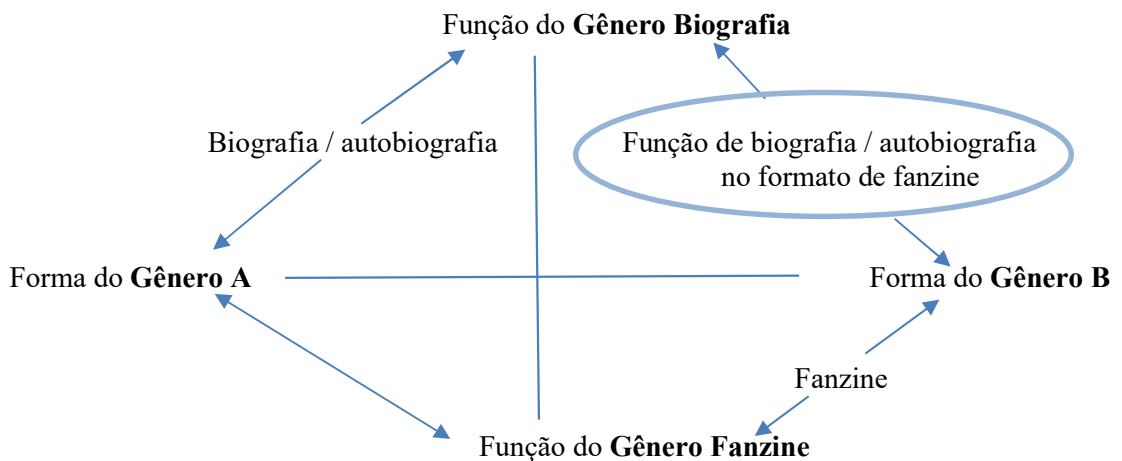
Como o próprio título sugere, podemos observar na figura 9 a função metalinguística no Minizine Metazine, ou seja, temos um zine que fala sobre ele mesmo. A intergenericidade se faz presente a partir do momento em que temos um texto no formato de fanzine com função de manual. Segundo Costa (2012, p. 164), o manual caracteriza-se, em geral, pelo predomínio do discurso instrucional e didático, em que orientações são dadas usando-se o imperativo, o infinitivo, sempre numa interlocução direta com o leitor.

Assim como um manual, em relação ao conteúdo, o Metazine apresenta um conjunto de noções práticas sobre procedimentos a serem cumpridos para que uma tarefa seja bem executada, estabelecendo um saber fazer ao leitor, no caso, alguns formatos de um fanzine. Já em relação ao discurso, é isento de ambiguidades e predomina a cena enunciativa de aconselhamento. Quanto ao linguístico discursivo, predomínio de enunciados curtos e de verbos no modo imperativo ou futuro e infinitivo com valor de imperativo.

O Fanzine Biograficizine é um texto híbrido já que reúne em um só gênero o formato de fanzine e a função de uma autobiografia, como exemplificado na figura 10. Um texto narrativo sobre fatos da vida de um indivíduo, geralmente produzido de forma rudimentar, com recortes de letras e ilustrações e/ou figuras, folha feita a mão e depois xerocada e, muitas vezes apresenta quebras dos padrões convencionais linguísticos-discursivos e culturais. Outra propriedade discursiva importante é a coincidência, tanto no biograficizine quanto na autobiografia, entre autor e narrador e do autor com a personagem principal.

Segundo Marcuschi (2008, p. 171) muitos são os problemas envolvidos na questão da intergenericidade e, não havendo trabalhos conclusivos sobre o tema, ressalta a importância de discussões envolvendo o assunto. O mesmo pode-se afirmar em relação ao fanzine, são necessárias novas pesquisas que gerem uma produção teórica a respeito do caráter híbrido e do processo de intergenericidade envolvido na produção de um fanzine.

Figura10: Função do gênero biografia no formato de fanzine



Fonte: Registro fotográfico e análise pelo diagrama de Marcuschi, por Andrea Gomes Barbosa, 2018.

O fanzine enquanto gênero híbrido, infringe convenções já estabelecidas promovendo uma ruptura do convencional e serve de estímulo à criatividade dos alunos já que, para produzirem um texto que carregue a sua identidade, terão de fazer escolhas e construir suas perspectivas discursivas.

Nesse sentido, a produção de um zine é um ótimo recurso para se exercitar o processo de autoria. Em relação ao assunto, Andraus (2009, apud PINTO, 2013, p. 19) afirma que

[...] é uma questão muito importante no sentido que o indivíduo através da confecção de um fanzine torna-se o autor de sua própria obra e amplia sua expressão individual, indo no caminho inverso aos padrões criados pela sociedade industrial. Dessa forma cada pessoa torna-se autor elaborando sua própria edição utilizando os formatos que julgar necessário e tratar de temas do seu gosto pessoal (PINTO, 2013, p. 19).

Muniz (2010, p.18), no texto intitulado “Na desordem da palavra: fanzines e a escrita em si”, ao analisar o Fanzine PalavraDesordem, parte do pressuposto de que os fanzines podem ser compreendidos como uma manifestação do que Foucault chamou **artes da existência** (grifo da autora) concebendo que a escrita dessa revista artesanal atua como uma prática de invenção de si, com a qual os indivíduos se constituem e se reconhecem como sujeitos ao experienciarem a função de autoria (MUNIZ, 2010, p.19).

Ainda citando Foucault (2001, p. 26), no mesmo texto, Muniz (2010, p. 20) afirma que por autor se pode compreender não exatamente o indivíduo que pronunciou ou escreveu um texto, mas “o princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. Compreende, então, por autor, a “função que caracteriza um modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos na sociedade” (Muniz cita Foucault, 1992, p. 46). Partindo desse princípio, identificou no Fanzine PalavraDesordem uma autoria plural e dinâmica constituída por três **formas de si** (grifo da autora):

- 1) o *autor-editor*, aquele que atua como o principal responsável pela composição do fanzine e/ou da revista, como a coleta e colagem dos textos, a montagem, a produção das fotocópias e impressões, a organização dos meios de custeio, bem como a distribuição;
- 2) o *autor-narrador*, aquele que participa com os textos propriamente, verbais (escritos) ou não-verbais (imagéticos, visuais), sejam textos assinados (e aí prevalecem os contos, poemas e ilustrações, embora também apareçam outros gêneros textuais, como resenhas acadêmicas e artigos de opinião) ou anônimos, como no caso de poesias coletivas, muitas vezes escritas numa mesa de bar ou em rodas afins;
- 3) o *autor-personagem*, um caso à parte, e bem significativo: trata-se de alguém do grupo que é personificado em algum texto, transformado em personagem através de narrativa de um episódio vivenciado e redimensionado (MUNIZ, 2010, p. 21).

Essa pluralidade em relação à autoria também é constatada em outros fanzines já que, muitas vezes, não há autoria fixa e quem o produz pode exercer diferentes papéis na produção e confecção dos mesmos. Essa autonomia proporcionada pelo fanzine enquanto recurso incentivador de um processo autoral tem permeado alguns ambientes educacionais e

desenvolvido potenciais criativos de alunos e professores. Com base nessa perspectiva e no referencial teórico aqui apresentado, foi elaborada a proposta de intervenção relatada a seguir.

5 INTERVENÇÃO POR MEIO DOS FANZINES

Com base na fundamentação teórica, foi elaborada e aplicada a proposta de intervenção, com finalidade de obtenção do grau de Mestrado Profissional em Letras (BARBOSA, 2018), sendo utilizada a sequência didática de Schneuwly e Dolz (2004) como procedimento do estabelecimento da relação ensino-aprendizagem, na produção de texto por crianças. Conforme já relatado, uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, levando-se em consideração a comunicação em situação real. Dessa forma, proporciona à criança, como aluno, um procedimento para realizar todas as etapas da produção de um gênero discursivo, literário, artístico ou midiático. A sequência didática envolve quatro fases: apresentação da situação, produção inicial, os módulos e a produção final.

A proposta foi desenvolvida em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, com alunos entre 9 e 11 anos, da Escola Municipalizada Tosana, localizada na área rural do município de Cabo Frio, estado do Rio de Janeiro. Importante destacar que, antes da intervenção, mais da metade da turma não realizava as atividades de produção textual propostas nas aulas de língua portuguesa. A síntese do relato das etapas desenvolvidas, demonstra a potência dos Fanzines na apropriação da linguagem e na produção de textos com autoralidade.

5.1 - 1ª FASE: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Foi feita a exposição inicial da situação e apresentada a tarefa a ser desenvolvida pelos alunos: a produção de um fanzine com as histórias contadas em suas famílias. Nesse momento, levando em conta o projeto coletivo, foram definidos: o gênero a ser produzido, a forma, a modalidade e para quem seria produzido. Expliquei aos alunos que produziram um fanzine coletivo, com as histórias de tradição oral contadas por seus familiares, que seria distribuído tanto em suas famílias como em toda comunidade escolar e que poderiam também produzir um fanzine individual cujo tema seria escolhido por eles. Nessa fase também foram apresentados alguns exemplares do gênero, fanzines de variados formatos e assuntos. Os alunos puderam ler, manusear e tirar algumas dúvidas em relação à sua organização.

Em um segundo momento, os alunos fizeram a entrevista com a pessoa mais velha de sua família (acessível no momento). A atividade consistia em pedir aos pais, avós ou pessoas mais velhas da comunidade que lhes contasse um caso. Foi solicitado ao aluno que registrasse por escrito e ilustrasse a história contada. Entre os objetivos dessa etapa está o recolhimento de histórias para a produção do fanzine coletivo.

Na semana seguinte, houve a socialização das histórias através de uma roda de contação. Essa atividade foi feita numa área externa à sala de aula, no varandão da escola. Nesse momento, pude perceber a alegria de alguns alunos cujos pais nunca tinham sentado para conversar e contar algum caso ou história de família. Foi uma manhã muito agradável, cheia de lobisomens, sacis e outros personagens da literatura infantil. Interessante ressaltar o debate provocado pelas várias “versões” de sacis e lobisomens apresentadas e a discussão em torno de se os fatos relatados pelos responsáveis seriam “verdadeiros” ou não. Boa parte das famílias viveu (algumas ainda vivem) em zona rural, em meio a canaviais, plantações de bananas e próximo a matas. E, acredita de fato, na existência de lobisomens e sacis.

Após sistematizar a apresentação da situação, ressaltando os pontos principais em relação ao gênero a ser produzido, como forma e conteúdo e público alvo, partimos para a segunda fase.

5.2 - 2ª FASE: A PRIMEIRA PRODUÇÃO

Essa fase teve por objetivo conhecer o potencial de escrita dos alunos que se reuniram na sala de Artes. A escolha do local se deu pelo fato de ser mais ampla que a sala de aula da turma, possibilitando vários agrupamentos. Materiais e equipamentos ficaram à disposição, como papéis variados, lápis de escrever e de cor, canetas coloridas finas e grossas, cola, tesoura, revistas para recortes, um notebook, uma impressora multifuncional e uma máquina de escrever.

De início, os alunos se encantaram com a máquina de escrever, e durante aproximadamente meia hora, conversamos sobre o seu uso e funcionamento. Até que um deles lembrou que alguns fanzines que tiveram contato na primeira fase pareciam ter sido escritos com uma máquina daquele tipo. Também aproveitei o momento para mostrar como funcionava a impressora multifuncional, caso necessitassem tirar cópias.

Passado esse momento, foi explicado que eles deveriam produzir um fanzine com as histórias pesquisadas. Poderia ser uma produção coletiva ou, quem desejasse, poderia

produzir um fanzine individual. A atividade foi desenvolvida em 6 aulas durante dois dias seguidos. Durante a execução da mesma, os próprios alunos foram levantando algumas questões sobre a produção do fanzine. 10 alunos sinalizaram a necessidade de “aprender mais sobre o formato do fanzine”, como dobrar as folhas, como grampear. 4 alunos demonstraram o desejo de aprender a fazer fanzine de quadrinhos, como alguns que eles manusearam na primeira fase. No término do período destinado, tínhamos uma espécie de “rascunho” de um fanzine coletivo e tentativas de minizines. Foi feita uma avaliação dos textos produzidos. Seguimos, então, para a próxima fase: os módulos.

5.3 - 3ª FASE: OS MÓDULOS

A construção dos módulos foi feita para atender às necessidades levantadas pelos alunos e professor, na fase anterior. A sequência foi planejada para que, no percurso fosse treinada a produção para a elaboração final do fanzine, dando aos alunos os instrumentos necessários para superar as dificuldades encontradas na primeira produção.

5.3.1 *Módulo 1: Oficinas sobre fanzine abordando os diversos formatos e o processo de edição*

Essa atividade foi realizada durante duas semanas, totalizando 6 aulas, distribuídas em dois dias. Foi um trabalho interdisciplinar, envolvendo além de mim, professora de Língua Portuguesa, a professora de Expressão Artística e a de Tecnologia da Informação e Comunicação. As oficinas sobre fanzine abordaram os seguintes tópicos: definição, origem do termo, tipos de fanzine, processo de edição. A mesma foi feita em parceria com os projetos de extensão *Ifanzine* e *Em cada canto, um conto*, ambos do Instituto Federal Fluminense *campus Macaé*.

No primeiro dia, o coordenador do projeto de extensão *Ifanzine* Alberto de Souza conversou com os alunos sobre a sua experiência de fanzineiro e, em seguida, eles tiveram contato com vários tipos de fanzines. Manusearam e leram zines dos mais variados formatos e assuntos. Em grupos, observaram e discutiram questões sobre conteúdos e estruturas dos fanzines analisados por eles. Após falar sobre a origem, definição e os mais variados formatos,

os alunos aprenderam como elaborar alguns formatos de fanzines: o zine brochura, o zine cordel, o Serpente Com Calças e o minizine. Nesse dia tiveram a oportunidade de treinar os vários formatos.

No segundo dia, foram abordadas questões relacionadas ao processo de edição, aos tipos de ilustrações usadas, processo de recorte e colagem, como montar a capa, a diagramação, como montar as páginas e fazer o boneco do zine. Como tarefa, os alunos tiveram de escolher um formato trabalhado no encontro anterior e produzir um fanzine. A escolha pelo minizine foi unânime. Eles ficaram encantados com o processo de dobradura que transformava uma simples folha de papel A4 em um zine de 8 páginas sem ter de grampeá-las.

5.3.2 Módulo 2: Oficina sobre HQs e textos humorísticos

O interesse de parte da turma pelo tema da oficina surgiu a partir do contato com fanzines de quadrinhos. Alguns alunos que, geralmente, não realizam as atividades de produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, mostraram-se muito interessados por esse tipo de fanzine. Essa atividade também foi realizada por Alberto de Souza, coordenador do projeto de extensão Ifanzine, e desenvolvida com a integração das disciplinas Língua Portuguesa, Leitura e Arte, Expressão Artística e Tecnologia da Informação e Comunicação. Além do material já disponibilizado anteriormente, os alunos receberam cadernos de desenho e lápis 4B e 6B, para realizarem as atividades propostas.

Foram necessárias nove aulas, distribuídas em três dias, para o desenvolvimento da atividade. No primeiro dia os alunos fizeram o estudo do esquema cabeça: frontal (linhas média, alta e baixa), perfil e meio-perfil. Também foi feito o estudo das expressões. No segundo dia foi abordado o esquema corpo inteiro e foi feito o estudo dos movimentos. No terceiro dia foi abordado a composição das tiras: personagem, cenário, balões. E nesse último encontro foram trabalhadas as onomatopeias.

5.3.3 Módulo 3: Elaboração de um glossário

Depois dos alunos terem aprendido a falar sobre o fanzine e adquirido meios de observá-lo sob vários pontos de vista, chegou a hora de adquirir uma linguagem técnica para se expressar sobre o que está fazendo. Essa atividade foi desenvolvida em duas aulas. Primeiro,

retomamos oralmente alguns conceitos aprendidos. Enquanto os alunos falavam, eu ia anotando no quadro palavras-chave, em relação ao fanzine e às HQs. Depois de formada a listagem, os alunos, coletivamente, procuraram definir, com o meu auxílio, cada termo anotado. Após o registro, no quadro, os alunos copiaram o glossário no caderno e foi feito um cartaz no papel pardo. O glossário foi intitulado *fanzinário* e ficou exposto na sala durante todo o período do projeto, para consulta dos alunos sempre que houvesse necessidade.

5.4 - 4ª FASE: A PRODUÇÃO FINAL

Chegou o momento de os alunos colocarem em prática o que aprenderam durante os módulos. Fizemos uma retomada sobre a produção inicial, conversamos sobre o que eles haviam levantado de dificuldades em relação à primeira produção do fanzine coletivo e se eles haviam superado essas dificuldades após a realização das oficinas.

Iniciamos, então, a produção de um fanzine utilizando os textos verbais e não verbais produzidos pelos alunos a partir das entrevistas e histórias pesquisadas.

Os alunos foram divididos em equipes e cada uma ficou responsável por uma etapa da produção:

- Digitação de algumas histórias ou reescrita com letras manuscritas. Ficou à disposição dos alunos, além do computador, uma máquina de escrever. Após a seleção das histórias que iriam fazer parte do zine, cada aluno escolheu a forma de apresentação do seu texto (se seria manuscrito, digitado ou datilografado).
- Ilustrações (com os desenhos feitos pelos alunos e montagens através de recorte e colagem);
- Montagem das páginas e preparação do boneco;
- Produção de um texto para a apresentação do zine;

Após a divisão em grupos, iniciamos o desenvolvimento das atividades que foram desenvolvidas no período de duas semanas, totalizando oito aulas, durante quatro dias letivos.

Assim que a composição das páginas ficou pronta, a turma escolheu o título para o zine. Depois de algumas sugestões, foi escolhido “*Tracinhos de memória*”. A escolha se deu pelo fato de os alunos terem contato, através dos projetos de extensão *Ifanzine* e *Em cada canto, um conto*, com os zines *Traços de memória 1 e 2* que também fazem o registro de contos, causos e relatos de memória.

A confecção da capa (figura 11) e contracapa foi feita no computador, com o auxílio da turma. Os alunos escolheram a ilustração e expliquei que seria interessante colocar no fanzine todas as instituições envolvidas no projeto. Também combinamos de deixar uma página destinada aos autógrafos (figura 12). Eles ficaram radiantes quando falamos dessa possibilidade. Parece que, nesse momento, se descobriram como “autores” do fanzine.

Figuras 11 e 12: Capa e contracapa do Fanzine Tracinhos da Memória



Fonte: Registro fotográfico por Andrea Gomes Barbosa, 2018.

Na semana seguinte, com as páginas já reproduzidas, fizemos a montagem do fanzine. Quatro alunos ficaram responsáveis por colocar as páginas em ordem, outros quatro por dobrar as folhas ao meio, dois alunos grampeavam e passavam para outros três, responsáveis por arrumá-los em uma caixa.

Fanzines prontos, chegou a hora de marcar o dia da sessão de autógrafos e a forma de socializar essa informação com a comunidade escolar. Numa conversa coletiva, ficou decidido que os alunos iriam às turmas para fazer o convite oralmente e, também, seria produzido um convite em forma de minizine que seria distribuído na escola e nas famílias. Na semana seguinte, os alunos produziram e distribuíram os convites.

Na última semana de aula foi feita a socialização do fanzine coletivo e dos trinta e nove minizines individuais produzidos com a comunidade escolar através de uma manhã de

autógrafos. Os familiares também foram convidados. Foi uma manhã diferente para toda a escola e todos os alunos que estiveram presentes estavam radiantes com o fato de autografarem.

Foram produzidos duzentos exemplares do Fanzine Tracinhos da Memória. Cada pessoa presente (outros alunos, professores, funcionários da escola e familiares) recebeu um exemplar autografado. E depois, cada aluno da turma participante recebeu 10 exemplares do fanzine coletivo e 5 do individual para levar à casa e distribuir a seus familiares.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fanzine proporcionou aos alunos a possibilidade de expressão de suas próprias ideias. Ao produzir um texto que circularia socialmente, sem fingir receptor, constatamos a satisfação pessoal de produzir e publicar algo de sua autoria. Puderam perceber que, a partir dos fanzines, podem produzir textos cuja temática seja do seu próprio interesse e que a escrita e sua realidade de vida não estão tão distantes assim.

Os alunos se entusiasmaram muito quando faziam os seus zines. Tiveram de desenvolver um trabalho colaborativo, quando da produção do zine coletivo, exercitando a socialização de ideias e discutindo preferências estéticas de cada um quanto às formas de organizar os textos verbais e não-verbais nas páginas. Além disso, exercitaram a autoanálise linguística e semiótica dos seus trabalhos nos momentos de socialização deles, ampliaram os seus conhecimentos e demonstraram mais autonomia para produzi-los.

Antes da intervenção, em geral, os alunos não demonstravam preocupação em, por exemplo, escrever as palavras corretamente.

Essa preocupação surgiu a partir do momento em que eles teriam seus textos realmente lidos por outras pessoas, sem ser o professor. Na maioria das vezes, eram os próprios alunos que sinalizavam se havia necessidade de correção, como na situação a seguir.

Uma aluna estava confeccionando o título de uma história, quando outro aluno percebeu que havia uma letra trocada (figura 13, primeira linha). Dirigiu-se à colega informando que a palavra “lobisomem” se escrevia com a letra M no final e não N. Nesse momento surgiu um impasse, já que a primeira afirmou que estava correto, seria com N. O aluno, então, foi à estante e consultou o dicionário, mostrando que seria realmente com a letra M. Esse movimento se deu entre os alunos, fiquei apenas observando e, os dois, concluíram que seria necessário confeccionar o título novamente com a letra correta. Esse processo de

reflexão, seja individual ou coletivo, esteve presente durante as etapas da intervenção permanecendo após o término da mesma.

Figura 13: Produção cooperativa de texto e correção ortográfica



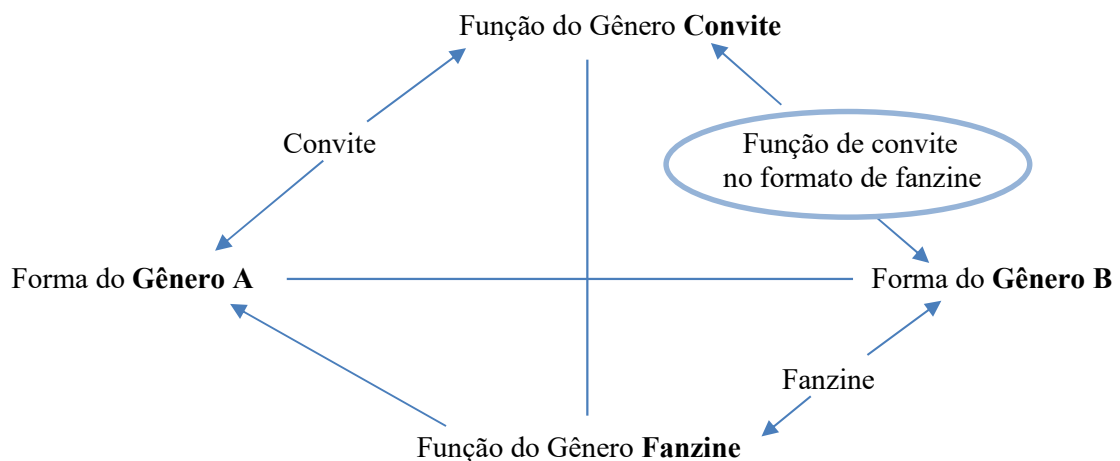
Fonte: Registro fotográfico, por Andrea Gomes Barbosa, 2018.

Durante as atividades propostas na sequência didática, constatei exemplos de atitudes responsivas e ativas na interação dos alunos em diversas situações. Como afirma Bakhtin:

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem relacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011, p. 297).

Em suas produções, os alunos demonstraram ter conhecimento da função e formas do fanzine, um gênero discursivo verbo-visual. Apesar de ter uma constituição relativamente livre, costuma apresentar as linguagens verbal e não-verbal relacionadas entre si. E acredito que essa linguagem intersemiótica, com a qual as crianças convivem desde cedo, foi o que mais despertou interesse nos alunos.

Figura 14: Função do gênero convite no formato de fanzine



Fonte: Registro fotográfico e análise pelo diagrama de Marcuschi, por Andrea Gomes Barbosa, 2018.

O fenômeno da intergenericidade proposto por Marcuschi (2008, p.163) também pode ser constatado no convite produzido para a manhã de autógrafos (figura 14). O formato do mesmo foi sugerido por um aluno e a produção foi feita coletivamente. A intergenericidade se faz presente a partir do momento em que temos um texto no formato de fanzine com função de convite. O mesmo solicita a presença ou participação de alguém em um evento, no caso podemos dizer literário, informando dia, local e horário, produzido de forma rudimentar, com

recortes de letras e ilustrações, folha feita a mão e depois xerocada e dobrada no formato de minizine (ou zine de bolso).

Além das contribuições já relatadas, gostaria de ressaltar que o tema escolhido para a produção do fanzine coletivo *Tracinhos de Memória* proporcionou o envolvimento da família dos alunos. Foi gratificante ouvir depoimentos de alguns pais e avós informando que, por causa da pesquisa proposta, houve um diálogo maior na família: os mais novos procurando os mais velhos, os mais velhos "puxando" da memória as histórias contadas pelos seus avós e pais ou os casos vivenciados, e recontando-os aos filhos e netos.

Não poderia deixar de relatar, entre tantos depoimentos, a fala de uma aluna, na manhã de autógrafos: “Alguns textos que fazemos na escola não são interessantes, nós só copiamos ou o professor já escolheu o tema e eu não posso criar, inventar. Hoje, com os fanzines, eu realizei um dos meus sonhos: ser escritora! Estou muito feliz.”

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fanzine, gênero discursivo verbo-visual, promove um diálogo democrático entre professores, alunos e sociedade. Ao produzir fanzines, os alunos fazem escolhas, constroem perspectivas discursivas no processo de produção, e têm a oportunidade de produzir um texto que carregue a sua identidade de forma original e autêntica. Assim, verificou-se que o trabalho com o fanzine no ensino fundamental atende às orientações dadas nos documentos oficiais como os PCN (2001, p.23) o qual enfatiza que cabe à escola criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais e que, além dos textos que respondem a exigências práticas da vida diária, promova aqueles que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamentos mais elaboradas e abstratas, sendo estes os mais vitais para a plena participação na sociedade letrada.

Ressalta-se ainda que a BNCC (BRASIL, 2017) traz o fanzine e o e-zine como gêneros textuais a serem trabalhados no desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à leitura quanto à produção textual no componente curricular Língua Portuguesa. Entretanto, apesar de também já constarem no Dicionário de Gêneros Textuais, desde o ano de 2012, a maioria dos professores não tem conhecimento a respeito do assunto. Esse fato, colabora para a originalidade e a importância do presente trabalho.

Constatou-se, durante todas as etapas da intervenção descrita nesse artigo, que a apropriação da língua se dá através da interação social, assim como se concretiza nos processos

criativos de produção de texto, conforme as reflexões propostas por Bakhtin (2011, p. 294) que concentra sua atenção no discurso e afirma que todos os enunciados, no processo de comunicação, são dialógicos e levam em conta o discurso alheio.

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2011, p. 294).

Assim, o trabalho com o fanzine leva a criança em fase de alfabetização e letramento a adotar uma atitude “responsiva ativa”, na perspectiva bakhtiniana, cumprindo uma função protagonista, interagindo e se comunicando. E para isso, a sequência didática, estratégia de ensino proposta por Schneuwly e Dolz (2004), forneceu aos alunos os instrumentos necessários para a apropriação do gênero trabalhado contribuindo para a eficácia da intervenção.

O fanzine, como gênero híbrido, infringe convenções já estabelecidas promovendo uma ruptura do convencional e serve de estímulo à criatividade dos alunos já que, para produzirem um texto que carregue a sua identidade, terão de fazer escolhas e construir suas perspectivas discursivas. Nesse sentido, a produção de um zine é um ótimo recurso para se exercitar o processo de autoria, como afirmou Andraus (2009, apud PINTO, 2013, p. 19)

[...] é uma questão muito importante no sentido que o indivíduo através da confecção de um fanzine torna-se o autor de sua própria obra e amplia sua expressão individual, indo no caminho inverso aos padrões criados pela sociedade industrial. Dessa forma cada pessoa torna-se autor elaborando sua própria edição utilizando os formatos que julgar necessário e tratar de temas do seu gosto pessoal (PINTO, 2013, p. 19).

Desse modo, após a aplicação da intervenção foi possível analisar e constatar que o fanzine serve de estímulo à criatividade infantil, reforçando os processos de autoralidade, e permite que produzam e divulguem textos cuja temática seja do seu interesse, proporcionando satisfação pessoal de produzir e publicar algo de sua autoria. Por conseguinte, também tem como resultado uma produção textual que interessa a outros leitores e suplanta as limitações dos exercícios escritos em ambientes da educação formal, aqui exemplificados pelo Ensino Fundamental.

O estudo realizado contribui para o desenvolvimento de estratégias facilitadoras da aprendizagem de leitura e escrita, nas aulas de língua portuguesa, entretanto desperta outros questionamentos a respeito da relação fanzine e gêneros textuais. Aponta-se, portanto, a necessidade da continuidade de estudos que contribuam para o entendimento do fanzine enquanto suporte ou gênero textual e que gerem um referencial teórico a respeito do caráter híbrido e do processo de intergenericidade envolvido na sua produção, buscando entender como vários gêneros se interpenetram para o constituírem.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. Minhas experiências no ensino com os criativos fanzines de histórias em quadrinhos e outros temas. In: SANTOS NETO, Elydio dos (org.); SILVA, Marta Regina Paulo da (org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas**. Volume I: o trabalho com universos ficcionais e fanzines. 1ª ed. São Paulo: Criativo, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Andrea Gomes. **Fanzines: autoralidade e expressividade nas aulas de produção textual**. 2018. 147f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6647605. Acesso em 23 fev. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 22 de dezembro de 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. abraFANZINE: da publicação independente à sala de aula. **Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 65-77, 2016. ISSN 1809-8150. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/10053>>. Acesso em: 26 fev. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.5.10.65-77>.

CHAGAS, Isabel; RODRIGUES, B. B. O fanzine: um gênero textual marginal. In: SOARES, Maria Elias (org.). **Pesquisas em Linguística e Literatura: descrição, aplicação, ensino**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Linguística/Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), 2006. p.151-153. ISBN: 85-906478-0-3.

Disponível em: <https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2002/index.html>. Acesso em 26 fev. 2020.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; et. al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. P. 80-128.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Vega, 1992.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. 3ª edição. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

KICK, Russ (org.). **Cânone Gráfico**: Clássicos da literatura universal em quadrinhos. Volume 1. São Paulo: Barricada, 2014.

MAGALHÃES, Henrique. Fanzines de histórias em quadrinhos: conceito e contribuições a educação. In: SANTOS NETO, Elydio dos Santos Neto (org.); SILVA, Marta Regina Paulo da (org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas**. Volume I: o trabalho com universos ficcionais e fanzines. 1ª ed. São Paulo: Criativo, 2013.

MAGALHÃES, Henrique. O rebuliço apaixonante dos fanzines. 3ª edição. João pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

MAINGUENEU, Dominique. Autoralidade e Pseudonímia. **Revista da ABRALIN**, v.15, n.2, p. 101-117, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47886/28821>. Acesso em 23 fev. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUNIZ, Cellina. Na desordem da palavra: Fanzines e a escrita em si. In: MUNIZ, Cellina (org.). **Fanzines**: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 15-28.

MUNIZ, Cellina. (org.). **Fanzines**: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: MUNIZ, Cellina. (org.). **Fanzines**: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 121-133.

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na Educação**: algumas experiências em sala de aula. João Pessoa: Marca de Fantasia. Disponível em: <https://www.marcadefantasia.com/livros/quiosque/fanzinenaeducacao/fanzinenaeducacao2ed.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

SANTOS NETO, Elydio dos. Prefácio: A paixão pelos fanzines e pelo corpo gerando práticas educativas desafiadoras. In: PINTO, Renato Donizete. **Fanzine na Educação**: algumas experiências em sala de aula. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013. p. 5-8. ISBN: 978-65-86031-09-6. Disponível em:

<https://www.marcadefantasia.com/livros/quiosque/fanzinenaeducacao/fanzinenaeducacao2ed.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SNO, Márcio. **Oficina de zines**: Guia para educadores. São Paulo: edição do autor, 2014. Disponível em: https://issuu.com/marciosno/docs/cartilha_educadores_-_vers_o2. Acesso em 23 fev. 2020.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

Fanzines: authorship and expressiveness in the textual production of children.¹⁴¹

*Andrea Gomes Barbosa*¹⁴²

1 INTRODUCTION

Fanzines are an experience of passion, creation, authority, rebellion, autonomy, and transgression. Many school practices, despite a democratic, dialogical, and participatory discourse, are, in fact, still banking, authoritarian, domesticating practices. When going to work with fanzines at school, what cannot happen is that they are built within such practices that end up hampering creativity and transformational movements.

Elydio dos Santos Neto (2020)

Lately, many teachers are concerned with the practice of textual production, dedicating themselves to research and the search for pedagogical strategies that develop such skill. Anyone who deals with activities that involve teaching text production knows how difficult it is to awaken the authorial process in students. This article reports the result of a

¹⁴¹ Received on 11/23/19, version approved in 02/23/2020.

¹⁴² LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/4590035647900686>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6010-2234>. E-mail: andrea.barbosa@iff.edu.br.

research developed in the Professional Master's in Letters, with the theme of studying the relationship between fanzine and textual production, seeking to understand how this handmade magazine contributes to expressiveness, creativity and the authorial process in text production classes.

The fanzine is an artisanal and alternative publication in which it stands out for its creation and authority. It contributes to the student's approach to written production, enabling him to become the author of his work and make himself heard. Despite having many positive factors, it has still been little used as a pedagogical tool. In this sense, the study carried out contributes to the development of strategies that facilitate the learning of reading and writing, in Portuguese language classes, through the methodology used in the making of fanzines.

According to Renato Donisete Pinto (2013, p.18), the fanzine contributes to the student's approach to written production and, specifically in the Portuguese language, demonstrates the comprehensive, critical, and practical character of the language. In addition to being a valuable exercise in reading and writing, it allows the student to become the author of his work and make himself heard.

Professor and researcher Gazy Andraus have also contributed with studies and articles on the subject, for him,

The essential importance of the fanzine and its didactic verve is to boost the dormant creativity - dampened - of most people, regardless of their professional background and performance. Knowing that they can create and develop texts, images, even basic structures in a montage simulating a personalized magazine (even if only one copy, which would be the fanzine-art, or artzine), makes both students and teachers realize that they are authors potential and that the development of ideas puts them facing a pleasurable creative processing that can lead them to self-development and self-knowledge, at least of the potentials and of what they can extract and share (ANDRAUS, 2013, p. 93).

Despite so many positive factors, there are few studies that point to the use of the fanzine effectively used by the Portuguese teacher in teaching text production.

2 THE PRODUCTION OF AUTHORAL TEXTS BY CHILDREN AND ADOLESCENTS

The concept of authorship, essential for the understanding of this article and its analyzes, will be adopted as in the most recent research by Dominique Maingueneau (2016), whose update in the consecrated concept of authorship brings us to the values that we want for the reading education practiced in society, especially in childhood. According to Maingueneau, the difference between authorship and authorship would be verified in the processes of

publication of texts, whose Information and Communication Technologies (ICT) return to the control of people, but which previously was expressed in the resource of the fanzine and other socially disseminated media, in the context of western underground culture. According to Maingueneau:

This is the case, in particular, of what I call “constituent speeches”, which, by nature, maintain a strong relationship with authority and pseudonymy. What makes constituent discourses a privileged observatory of pseudonymy is that the producers of texts that come out of them must assume their position of author in function of the Absolute in whose name they speak: there is a reciprocal enveloping between the “content” of the works and the biographical and institutional conditions that make them possible. The author is no longer a simple individual: he exists because of a paratopic world (literary, philosophical, scientific, religious...), at the same time contemporary and immemorial, of which he is an author (MAINGUENEAU, 2016, p. 107).

Official documents such as Curriculum Standards National (PCN) highlight the importance of the language for the full social participation and emphasizes in that is the school promote the expansion of literacy of students progressively so that each student becomes able to interpret texts that circulate socially, to assume the word and to produce effective texts in the most varied situations (2001, p. 23). The work with text productions throughout Elementary School should aim to train competent writers capable of producing coherent, cohesive, and effective texts. According to the PCN,

A competent writer is someone who, when producing a speech, knowing possibilities that are culturally posed, knows how to select the genre in which his speech will take place, choosing the one that is appropriate to his objectives and the enunciative circumstance in question. [...] it is someone who plans the discourse and consequently the text according to its objective and the reader for whom it is intended, without disregarding the specific characteristics of the genre. [...] A competent writer is also able to look at the text itself as an object and check if it is confused, ambiguous, redundant, obscure or incomplete. In other words, it is capable of revising and rewriting it until it is considered satisfactory for the moment. He is also a competent reader, able to successfully use other texts when he needs to use written sources for his own production (BRASIL, 2001, p. 65).

The document emphasizes the need for a continued practice of producing a wide variety of texts in the classroom and an approximation of the conditions of production to the circumstances in which these texts are produced (2001, p. 68). For this, he mentions some didactic procedures for such practices to be implemented, in the first segment of Elementary Education, such as offering students good quality printed texts, asking them to produce texts even before knowing how to write them, proposing production situations in small groups in which students share activities, while performing different tasks. Some didactic situations are

also suggested for the practice of text production: projects, provisional texts, production with support and creative situations such as workshops or production workshops.

According to the National Common Curricular Base (BNCC), the axis of text production must understand the language practices related to the interaction and authorship, individual or collective, of written, oral and multisemiotic text with different purposes in addition to enunciative projects (BRASIL, 2017, p. 510). Thus, the use of fanzines in the educational environment, artisanal and alternative publication, in which creation and authorship is emphasized, is justified. In one of the skills related to the field of personal life, the student must:

Collaboratively produce and socialize commented playlists of cultural and entertainment preferences, cultural magazines, fanzines, e-zines or similar publications that disseminate, comment and evaluate music, games, series, films, comics, books, plays, exhibitions, dance shows etc., in order to share tastes, identify affinities, foster communities etc (BRASIL, 2017, p. 511).

Although the BNCC relates the fanzine and the e-zine to the competencies and skills related to the second segment of Elementary and Secondary Education, these can also be used as a reading and writing resource at any stage of teaching. BNCC itself states that other genres, in addition to those whose approach is suggested, can and should be incorporated into school curricula and, as already noted, genders can be contemplated in different years than indicated (BRASIL, 2017, p. 139).

Based on the sociointeractionist principles, and from the reading that scholars have made of Bakhtinian theory, the following are presented concepts that supported the formulation of a proposal for the practice of written text production using fanzines.

According to Marcuschi (2008, p. 61), language can be seen from several theoretical points of view: as a form or structure, as an instrument, as a cognitive activity or as a situated socio-interactive activity. We work with the latter perspective, in which language is a set of historically situated social and cognitive practices. Thus, he defines it:

I take language as a system of open, flexible, creative and indeterminate cognitive practices in terms of information or structure. From another point of view, it can be said that language is a system of social and historical practices that are sensitive to the reality on which it operates, being partly prior and partly dependent on the context in which it is located. In short, language is a system of practices with which speakers / listeners (writers/readers) act and express their intentions with actions appropriate to the objectives in each circumstance, but not building everything as if it were pure and simple external pressure (MARCUSCHI, 2008, p. 61).

The most important function of language, therefore, is to insert individuals into socio-historical contexts and to allow them to understand each other. Thus, without denying individuality and personal responsibility, it can be said that enunciative forms and enunciative

possibilities do not emanate from an isolated individual, but from an individual in a society and in the context of an institution (MARCUSCHI, 2008, P. 67).

Still according to the PCN, it is through language that individuals understand each other, through verbal interaction, and producing language means producing discourses, saying something to someone, in a certain way, in a certain historical context (BRASIL, 2001, p. 25). The speech manifests itself linguistically through texts. Thus, the text is defined by the curriculum guidelines:

[...] it can be said that text is the product of oral or written discursive activity that forms a meaningful and finished whole, whatever its extension. It is a verbal sequence made up of a set of relationships that are established from cohesion and coherence. This set of relationships has been called textuality. Thus, a text is only a text when it can be understood as a global significant unit, when it has textuality. Otherwise, it is nothing more than a random pile of statements (BRASIL, 2001, p.25).

It can be said that the text is the basis of the teaching-learning process of Portuguese language and that it is organized within a certain genre. Bakhtin (2011, p. 262) defines genres as “*relatively stable types* (emphasis added) of the utterances” and highlights that they are constituted from the field of activity developed by the subjects and reflect the specific conditions and purposes of each field through three elements - content, style and compositional construction. Bakhtin (2011, p. 283) also highlights that the diversity of genres is very large and is determined by the fact that they are different depending on the situation, social position and personal reciprocal relationships between participants in the communication.

The richness and diversity of discourse genres are endless because the possibilities of multiform human activity are inexhaustible and because in each field of this activity the repertoire of discourse genres is integral, which grows and differentiates as a given development and complexity becomes more complex. field (BAKHTIN, 2011, P. 262).

The Bakhtinian perspective provides theoretical support for various studies and research on the genres of discourse. Among these, the didactic sequence, the teaching strategy discussed below, stands out.

If genres favor interaction between subjects and many students have difficulty in reading and writing skills, it is necessary for the teacher to rethink his pedagogical practice by planning activities that allow the expansion of the students' discursive domain. Based on this thought, the researchers Schneuwly, Dolz *et alii* (2004, p. 44) discuss the work with genres, in the Bakhtinian perspective, considering that every genre is defined by three essential dimensions:

- the contents that are sayable through it;
- the particular structure of texts belonging to the genre;
- the specific configurations of the language units that are above all traces of the enunciator's enunciative position, and the particular sets of textual sequences and discursive types that form their structure.

Schneuwly and Dolz (2004) discuss the importance of interventions by teachers who must seek new teaching strategies and present an instrument for planning the teaching of specific genres: the didactic sequence.

Finally, the teaching strategies suppose the search for interventions in the school environment that favor the change and the promotion of the students to a better mastery of the genres and the communication situations that correspond to them. It is fundamentally about providing students with the necessary tools to progress. In order to do so, the complex communicative activities that students are not yet able to perform autonomously will, in a way, be decomposed, which will allow to approach, one by one, separately, the components that pose a problem for them. Social interventions, the reciprocal action of group members and, in particular, formalized interventions in school institutions are fundamental for the organization of learning in general and for the process of genre appropriation in particular. In this sense, didactic sequences are instruments that can guide teachers' interventions (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 45).

The didactic sequence is defined as a set of school activities organized, in a systematic way, around an oral or written textual genre (DOLZ; NOVERRAZ, 2004, p. 82) and is structured taking into account the four components described below:

- A. presentation of the communication situation - exposing students to the context of production, the genre (s) addressed, the possible recipients, what form the production will take, the steps to be taken until the final production;
- B. initial production - first text, oral or written, corresponding to the genre worked. It allows to evaluate the skills already acquired by the students and to adjust the activities and exercises planned for the modules according to the possibilities and difficulties of the class;
- C. modules - work on the problems that appeared in the first production, giving students the necessary tools to overcome them. They develop from three principles:
 - I. work on problems at different levels;
 - II. vary activities and exercises;
 - III. capitalize acquisitions.
- D. final production - the student puts into practice what he learned during the modules and also allows the teacher to make a summative assessment.

All of these steps guided the work with the fanzine proposed in the intervention described and analyzed here.

3 BRIEF HISTORY ABOUT FANZINES: FROM ARTISANAL TO ELECTRONIC

The first fanzines appeared in the United States and were made by readers of professional science fiction magazines in the 1930s, although the word fanzine was coined later, in 1941, by Russ Chauvenet, also in the USA. The first fanzine was called *The Comet* and was aimed at science fiction.

The origin of this term is found in the contraction of the English words "**fan**atic" and "maga**zine**", that is, fan magazine. Thus Henrique Magalhães defines:

Fanzines are publications by fans - or aficionados - for some artistic theme that are addressed to other fans who have the same interest. They are amateur, non-profit publications, usually made by hand, in short runs, aimed at the freedom of expression of their producers, the exchange of information with the group, artistic exercise, criticism and the dissemination of the work of new authors (MAGALHÃES, 2013, p. 54).

In Brazil, *Fiction* is the first registered fanzine, created by Edson Rontani on October 12, 1965, in Piracicaba. At that time, the term bulletin was used to designate amateur publications, the term fanzine only started to be used from the mid-70s (GUIMARÃES, 2005, p. 14).

The fanzine spread around the world being considered a paratopic because it is outside the official publishing knowledge. It gained strength and began to be widely used by young students as an alternative media in the 1970s, as a challenge to the current social system. According to Andraus, in this context, "it would be the counterculture or even the '*underground*' - movement independent of everything that concerns mass culture or consumption" (ANDRAUS, 2013, p.85).

At the same time, zines gained strength through the rise of the punk movement. About this period, says Márcio Sno,

With their aggressive posture and speech that tells the *status quo*, punks found in zines an important vehicle to convey their ideas, ideals, and sounds. During this period, the zine Sniffing Glue, by Marky Pessy, with the motto "*do it yourself*" (do it yourself) encouraged other people to produce their own zines (SNO, 2014, p.4).

The fanzine was, until the mid-1990s, the main vehicle for the dissemination of independent artists and, with the arrival of the internet, it ceased to have this role exclusively, starting to be seen as a platform for socializing artistic works, with formats and varied themes. There are fanzines on the most diverse subjects: comics, science fiction and horror, music and literary, philosophical, and experimental and the biographiczine (or autobiographical fanzine), among other themes.

The entire editorial process of the fanzine is controlled by its authors, from the conception of the idea to the collection of information, the layout, the composition, the illustration, the assembly, the pagination, the dissemination, the distribution and the sale. For Henrique Magalhães, professor and comic artist, this is one of the most important characteristics of fanzines since it gives the editor greater freedom to create and execute the idea, although it requires more time and skill (MAGALHÃES, 2013, p. 45).

Edgar Guimarães highlights simplicity, when you want to make an original, to be reproduced through photocopies, since very few resources are needed:

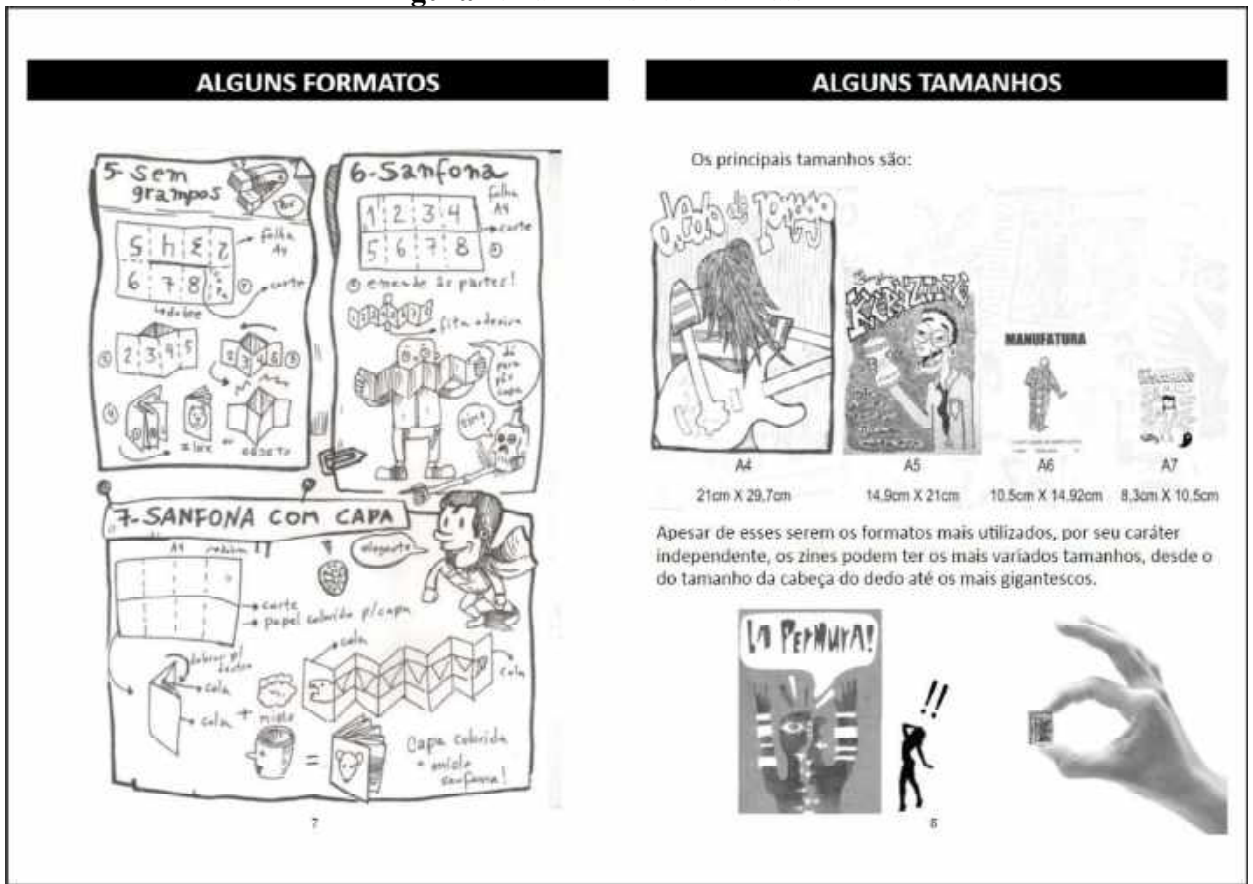
The simplest way to make a fanzine original, which will be reproduced in xerox, uses only paper, pen (or typewriter) and glue. The editor writes or collects the written material, selects the illustrations, assembles the material on sheets of paper in the format that will be reproduced. After a certain number of copies of each original are printed on xerox, the editor must assemble each copy and staple it (GUIMARÃES, 2005, p. 23).

The formats and sizes of the zines are also diverse, but the most used are A5 (A4 sheets folded in half) and A6 (one sheet with two folds). The first illustration in figure 1 refers to steps that must be followed to produce the *no staples* or pocket fanzine as it is known in Brazil. With just one sheet of A4 size it is possible to make an 8 pages zine, without using glue or staples.

Recently, zines have been gaining new formats, various techniques are applied, such as, for example, pop-up. In this format there are the presence of flaps, folds, windows causing the illustrations to move or jump on the page, a technique also known as paper engineering. Figures 2 and 3 illustrate an example of a pop-up zine.

With the advancement of the internet, another format currently found is the “e-zine”, an electronic fanzine. The term arose from the contraction of words *e*lectronic and fan *z*ine. In this format, the characteristics of a magazine are maintained, however its distribution is made by email or by posting on a *website*.

Figura 1: Fanzine's fold formats



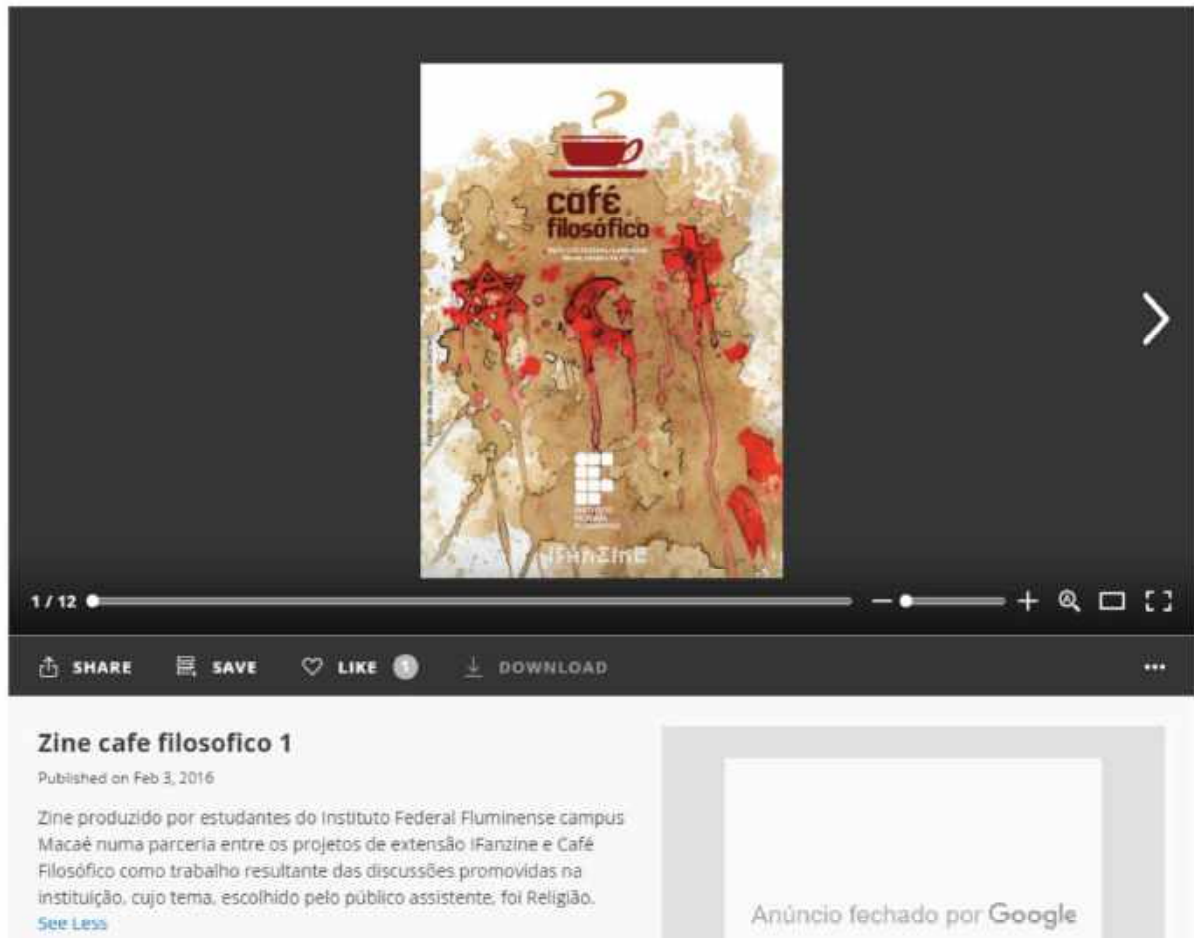
Source: (SNO, 2014, p. 7-8).

Figures 2 e 3: Zine pop-up “Chicken’s plague”



Source: Photographic record of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

Figure 4: Zine Café Filosófico



Source: Slideshare file. Available at: https://issuu.com/ifanzine/docs/zine_cafe_filosofico_1. Accessed on February 23, 2020.

Figure 4 illustrates an electronic page where the Iffanzine extension project, coordinated by Alberto de Souza, professor, and researcher, made available on the *Slideshare* system the editions of the e-zines produced by the project team.

The varied formats offer the fanzineiro the possibility of, in addition to creating his text, be it verbal and / or imagetice, also choose among the several existing formats (or even create his own), contributing to his authorial process through a unique production.

4 FANZINES AS MEDIA AND AUTHORALITY LANGUAGE

Recently, the use of fanzines as a resource for appropriating language and its records, reading, writing and narrative has been the subject of studies and research. Professors and researchers in favor of using these artisanal magazines as a resource highlight the following positive points about zines: they foster the development of creativity, expressiveness,

authorship and teamwork; used as supports for fictional narratives, they can, if well used, encourage divergent thinking and coexistence with different points of view; they can be employed at work with any curricular component in a reflective, conscious and creative way; collaborate effectively in educational processes that need to establish transversal, inter and transdisciplinary connections; they serve as an effective assessment tool, especially when they are related to continuous processes or as a way of ascertaining the knowledge accumulated by the student.

In the educational environment, where innovative educational practices seek to awaken both the teacher and the students an education for autonomy that develops expressiveness and authority, the use of fanzines is seen as a viable path. Gazy Andraus defends its didactic use and affirms that the production of a zine is a pleasant creative process and makes teachers and students realize that they are potential authors:

[...] a fanzine (or zine) is in reality an instrument that allows the author to better develop his ideas that often have no space or a suitable place to be released, since the excess of Cartesian scientific rigor derived from years of formatting (and crystallization) in academic teaching led to curb expression, impairing personal development in terms of artistic expression in general. Fanzines, then, from this perspective of possibilities, are essential and very important prominent catalysts (and fraternal aggregators) that urgently need to be adopted in schools and even universities (ANDRAUS, 2013, p. 92).

Lately, the number of teachers who use the fanzine in activities for educational purposes has grown, whether in public or private schools, in various stages of education, from elementary to postgraduate. In addition to being a stimulus to creativity and autonomous production, any discipline can be worked on in a reflexive, conscious and creative way (CAMPOS, 2009, p. 71).

In the article entitled “From marginality to the classroom: the fanzine as a cultural, educational and pedagogical artifact ”, Professor Ioneide Nascimento (2010, p.121) reports her perception of the fanzine from her experiences both in the Normal Course as with elementary school students. According to her,

On the one hand, working with fanzines allows students to assume their role as subjects of this process and become more enthusiastically involved in a project that is becoming more autonomous every day.

On the other hand, the various possibilities of the fanzine as a pedagogical resource still need greater dissemination and discussion in educational circles. Educators need to see the importance played by the fanzine in the constitution of ethical and aesthetic values in the exercise of citizenship and the constitution of students. And that the fanzine in the classroom is an instrument for expanding horizons, favoring students in a process of critical and renewing insertion of the environment that surrounds them (NASCIMENTO, 2010, p. 132).

Despite so many benefits, Renato Donisete Pinto, in his book “Fanzine in education: some experiences in the classroom”, makes an alert:

Fanzines are an experience of passion, creation, authority, rebellion, autonomy and transgression. Many school practices, despite a democratic, dialogical and participatory discourse, are, in fact, still banking, authoritarian, domesticating practices. When going to work with fanzines at school, what cannot happen is that they are built within such practices that end up hampering creativity and transformational movements. It is a denial of the fanzine spirit (PINTO, 2013, p. 11).

It is then up to not only the teacher, but any professional who wants to develop activities for educational purposes using the fanzine as a pedagogical tool, allowing the student to, in fact, have autonomy to express themselves and, why not, transgress, if necessary.

Although the fanzine is already being used in the educational field, in various disciplines and even in interdisciplinary activities, there is practically no literature that theoretically addresses its relationship with the Portuguese language, more precisely with the teaching of reading and writing, and there are few reports research that address the topic. Thus, a brief theoretical approach to the fanzine relationship and textual production will be made next.

Since the fanzine is a print that resembles a magazine or newspaper, several text genres can be found in it, serving as support for both verbal and non-verbal texts, critical and opinionated texts on cultural production as well as the republication of works from other publications and / or unpublished texts, in addition to images collected in other printed materials or drawings made for this purpose (NASCIMENTO, 2010, p. 122).

The fanzine presents a diversity of imagery texts or not, which are the result of information and knowledge manufactured in the social world, in everyday life and which, when transported to print, instigate the dialogue made by the faneditor or zineiro, raising the autonomy of learning subjects . The fanzine works as a vehicle for the dissemination of ideas, not being tied to the bonds dictated by the mainstream press. [...] it also reveals itself as an instrument that enriches the students' “voices”, communicating meanings, building and reconstructing knowledge (NASCIMENTO, 2010, p. 125).

Although there are those who treat the fanzine as a support, the issue is somewhat controversial. There is a conflict between the notions of gender and vehicle since there is more than one communicative purpose. Researchers and scholars say that systematic studies regarding the support of textual genres is a discussion that is still ongoing and there are many questions as stated by Marcuschi (2008, p. 173). For him,

The central idea is that support is not neutral and gender is not indifferent to it. But the nature and scope of this interference or role remains to be discussed. A preliminary

importance can be made regarding the importance of support. It is essential for the gender to circulate in society and must have some influence on the nature of the supported gender. But that does not mean that support determines gender, but that gender requires special support. However, this position is questionable, as there are complex cases in which the support determines the distinction that the gender receives (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

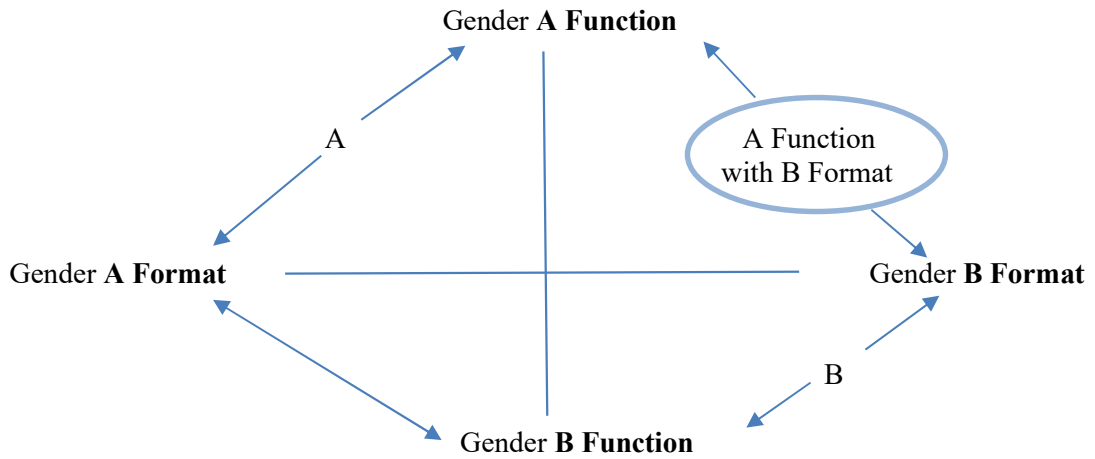
Marcuschi (2008, p. 174) defines the support of a genre as a physical or virtual *locus* with a specific format that serves as the base or setting environment for the materialized genre as text, comprising three aspects: a) support is a place (physical or virtual); b) support has a specific format; c) support serves to fix and show the text. The author emphasizes that one should consider that the basic function of the supports is to **fix** (emphasis added) the genres and not to convey or transport or circulate the text as such.

As Marcuschi said, there are complex cases where support determines the distinction that the genre receives. The fanzine seems to fit these “complex cases” and deserves a more accurate investigation. Despite its similarity to a magazine, we cannot reduce its concept to the notion of textual vehicle, as stated by Chagas and Rodrigues:

[...] It should be noted that fanzines are ceasing to be a fan magazine, made by the fan, to house a mixture of different subjects, a hybrid text, difficult to "label" by the reader. In many cases, the fanzine is not recognized as a specific genre, but as "magazine", "leaflet" or "comic book". The print run is photocopied, in different folding formats. Its transmission is unorthodox. Often, editions are distributed free of charge. The market for this type of publication is restricted to fanzineiros themselves (CHAGAS; RODRIGUES, 2006, p. 153).

Still according to the authors, from the use of different textual genres, apparently used in a chaotic way for the eyes that are not used to, the zine intends to rethink aesthetic and editorial concepts present in most publications, discussing about the social and individual behavior of its time. That is how they define it: [...] the fanzine does not constitute, merely, an alternative vehicle of information, as it is, in effect, a hybrid textual genre [...] that is currently available to be an alternative form of human interaction, creation and consumption of information (CHAGAS; RODRIGUES, 2006, p. 153).

Figure 5: Diagram of the hybridization phenomenon for literary genres



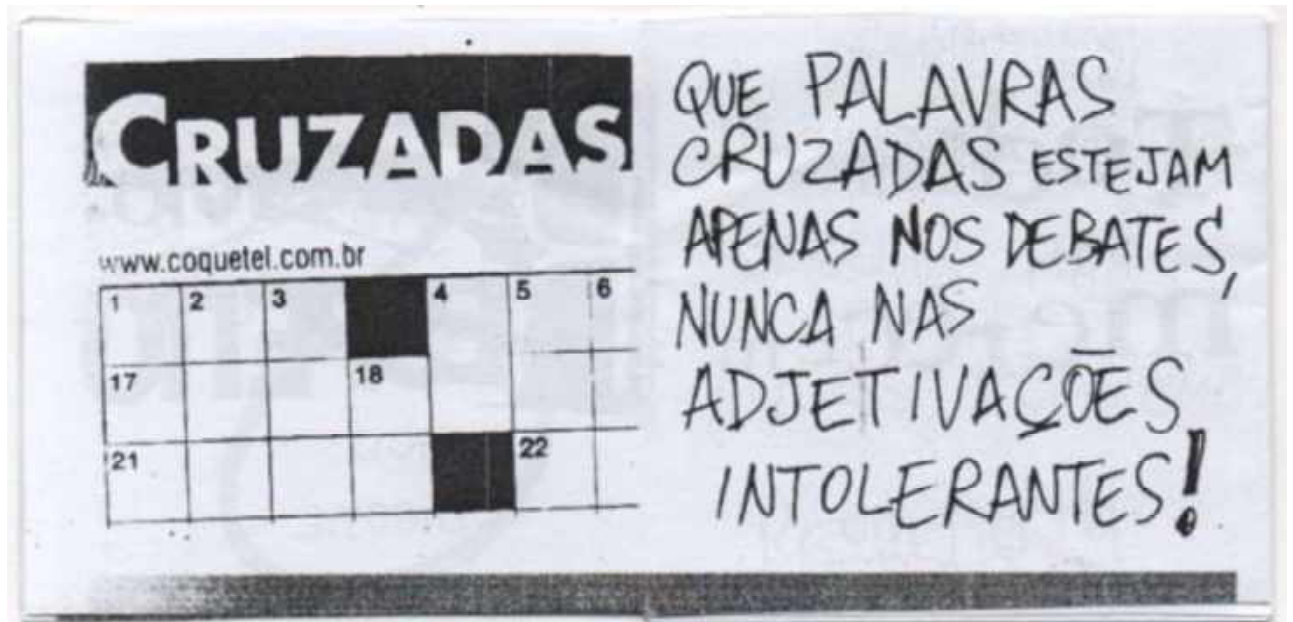
Source: (MARCUSCHI, 2008, p.163).

Figure 6: Sample of original art from the Marx fanfare Actuality, using collage technique



Source: Photographic record of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

Figura 7: Metaphorical use of crosswords in original fanzine art # ÉCoisaDoIFF¹⁴³



Source: Photographic record of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

Based on studies by several authors, especially Bakhtin, Marcuschi (2008, p. 163) affirms that the genres are interwoven and interpenetrate to constitute new genres. The following figure represents the phenomenon of hybridization, or intergenericity, proposed by the author when analyzing an advertisement in the form of a medicine leaflet and an article in the form of a poem.

As Marcuschi stated, the infographic he developed is an attempt to represent typological intertextuality. Marcuschi (2008, p. 166) draws attention to very complex problems in the case of this analysis, emphasizing that there is no evidence that can be clearly distinguished between forms and functions and it is likely that intergenericity is a more natural and normal situation than that we imagine, in addition to what the texts generally live in constant interaction.

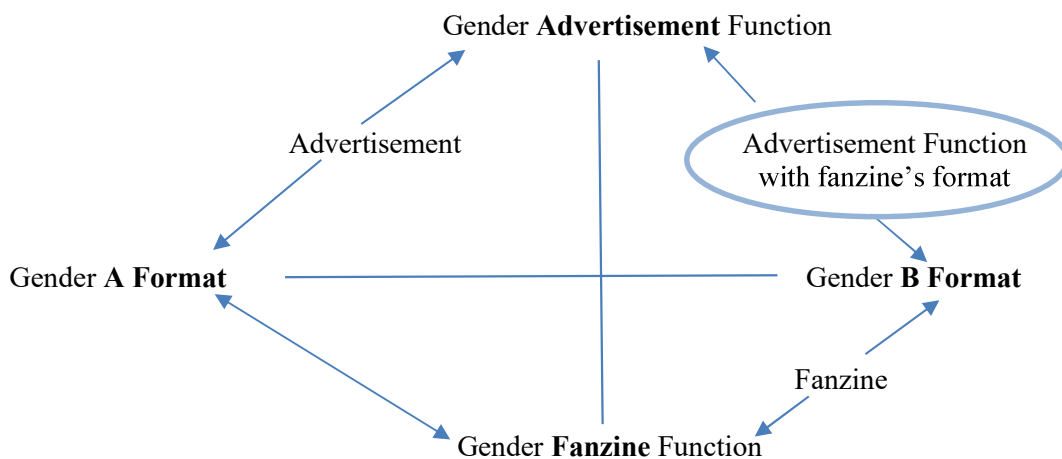
As in other textual genres, during the writing process of some fanzines there are also dialogical relationships with other texts, as we can see on the previous page (figure 6), in the zine Marx in the Actuality, a work developed by Philosophy professor Leonardo Berbat in partnership with the Ifanzine extension project, under the coordination of Alberto de Souza.

Note that the author, which we can call “zineiro”, takes as a starting point the popular saying “A bird in the hand is worth two in the air”, serving as the basis for his new creation. Another example of intertextuality can be seen in the fanzine # ÉCoisaDoIFF,

¹⁴³ May the crossword puzzle be only in debates, never in intolerant adjectives!

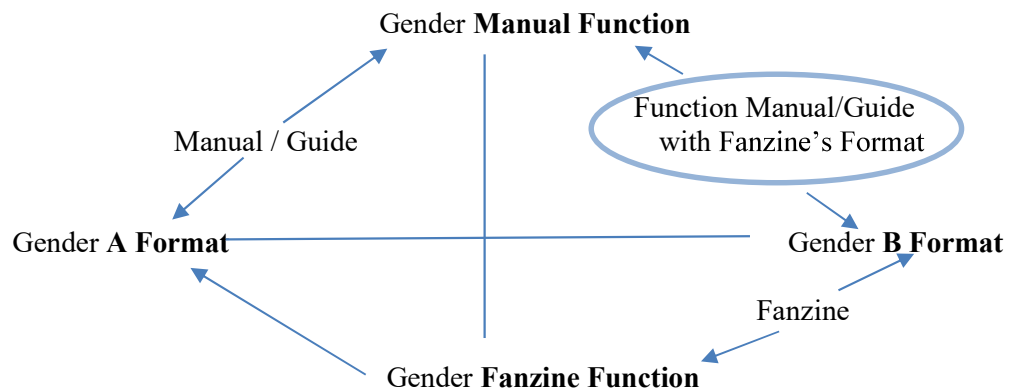
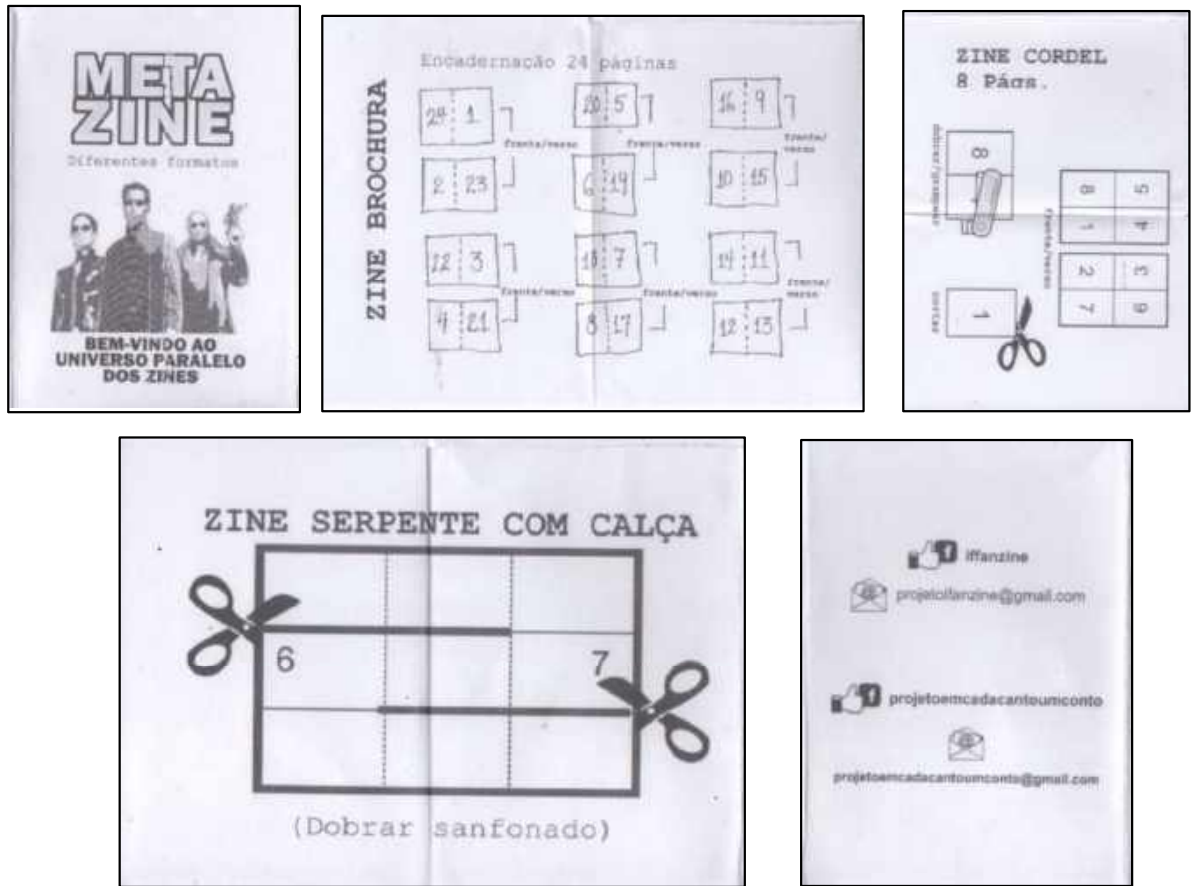
produced through a partnership between the Fanzinoteca of the Instituto Federal Fluminense *campus* Macaé, the Results of the search Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI Macaé), the Gender Center (NUGEN) and the Pégasus Student Union.

Figure 8: Ad Function with Fanzine's Format



Source: Photographic record and Marcusschi's diagram analyse of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

Figure 9: Manual Function with Fanzine's Format



Source: Photographic record and Marcusschi's diagram analyse of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

The phenomenon of hybridization, or intergenericity, proposed by Marcuschi is quite usual in the textual production process of fanzines. It is possible to say that the hybridization, at the same time that it horizontalizes languages and production models of the knowledge register, also blurs the borders of languages and media, which already have their own canons.

The canon or canon is a model concept, named by the Greek word *κανόνας*, which originally means a stick used as a measuring instrument. This model generally has an aesthetic component, which is present in the Fine Arts. To get to know the canons of literature, experts turn to award-winning productions, most read or best classified, in works of art and literature. As graphic sequential narratives are components of the Ninth Art, that is, newer in the history of humanity, many authors try to capture adequate canons. Russ Kick (2014), is one of the researchers who has been addressing the important issue of graphic canons. In this fanzine environment it is common to circumvent the canon of various literary and graphic genres, making a mixture of forms and functions, as we can see in the following three examples.

To analyze the diagram in figure 8, take as a starting point the definitions of the entry's "fanzine", "e-zine", "ad" and "advertisement" published in the dictionary of textual genres (COSTA, 2012):

FANZINE : [...] " Fanzine (*fanatic + magazine*) are printed publications, outside the commercial structures of cultural production, made by people interested in the dissemination or (re) production of comic books, poems, science fiction, information about independent bands, graphic experiments, among other artistic expressions ". [...] In an experimental textual and graphic language, which differs from conventional standards, it can be produced from the most rudimentary form (hand-made, mimeographed, xerocated sheet ...) to the form of a standard newspaper or magazine. Low-cost, it can be sold informally by its own producers and editors directly to readers interested in this type of publication. With the advent of the internet, *blogzines*, *e-zines* and *webzines* were born (see all) (COSTA, 2012, p. 124).

E-ZINE: the *e-zine* (fan) e-zine, is a markedly marginal e-genre. E- gender because it is part of the discursive cultural practices of cyber space; marginal, because these practices are typical of "genres that place themselves outside the institutionally constituted and valued cultural production process" (apud ZAVAM, 2007, p. 110). In the *e-zine*, *e-zineiros* break conventional linguistic-discursive and cultural patterns, changing power relations. Voices suppressed by the traditional means of communication emerge with the release of broadcasting that the internet allows. [...] Rebellious, defiant, relaxed, marginal content and style are reflected in the enunciation framework in a specific and singular way, without the standard of reliability and authority of the journalistic style of traditional *online* magazines, in which thematic content predominates. cultural, a cultured language and a generic choice, socially more valued. [...] The "marginal language" in which this content is published is concretized in linguistic-discursive, lexical and syntactic choices, typical of a rebellious and challenging style and it can be seen in concrete statements that circulate in e-zines [...] (COSTA, 2012, P. 121).

ANNOUNCEMENT: news or notice through which something is disclosed to the public, that is, the creation of some advertising message for commercial, institutional,

political, cultural, religious purposes, etc. As advertising, it is a message that seeks to transmit to the public, through technical resources, multisemiotics and through communication vehicles, the qualities and possible benefits of a certain brand, product, service, or institution. [...] (COSTA, 2012, P.36).

ADVERTISING : advertising discourse uses *billboards*, television, radio, newspaper, magazine, internet to sell its products through messages that seek to convince consumers, whose messages are generally short, brief, direct and positive, with a predominance of the imperative [. ..]. Allied to this verbal discursive strategy, the advertising text is also composed of non-verbal language, in which the format of the support, images, illustrations and animations are of great importance in the construction of a discourse that explores the consumption desires of modern society [...] It is an essentially multisemiotic textual genre, in which the selling points, although they seem logical, are characterized by totally emotional appeals and by the use of stereotyped social, aesthetic, etc. (COSTA, 2012, p. 196).

The art registered in figure 8, composes the Zine Marx in Actuality, and was produced by a high school student. We found that the author circumvented the canon not only of one genre, making a mixture of forms and functions of several genres. It is a multisemiotic text, since it represents information in an imagery so that the reader has, in addition to the verbal text, visual texts that propose other messages in other languages in relation to the content in question. Produced in a rudimentary way, with cutouts of letters and figures, a hand made sheet and then xerocated (and made available on the internet), there are breaks in conventional linguistic-discursive and cultural patterns, with the presence of contentious content, marks related to form and content fanzines and *e-zines* .

However, we also find characteristics that are characteristic of an advertising discourse, present in advertisements and advertisements, a message that seeks to transmit to the public, through technical resources, multisemiotics and through communication vehicles, the qualities and possible benefits of a certain brand, product or service. Advertising text, an essentially semiotic genre, is also composed of non-verbal language in which the format of the medium, the images and illustrations are of great importance in the construction of the discourse. Through this example, we can perceive the hybridization phenomenon proposed by Marcuschi (2008, p. 166), seeing how several genres interpenetrate to constitute another genre. And, as stated by the author himself, this analysis is complex, since it is not possible to distinguish with total clarity between the forms and functions of each genre that composes the hybrid text.

As the title suggests, we can see in Figure 9 the metalinguistic function in Minizine Metazine, that is, we have a zine that talks about itself. Intergenericity is present from the moment we have a text in the form of a fanzine with the function of a manual. According to Costa (2012, p. 164), the manual is generally characterized by the predominance of instructional

and didactic discourse, in which guidelines are given using the imperative, the infinitive, always in a direct dialogue with the reader.

Just like a manual, in relation to content, Metazine presents a set of practical notions about procedures to be followed in order for a task to be performed well, establishing a know-how for the reader, in this case, some formats of a fanzine. Regarding the discourse, it is unambiguous, and the enunciative counseling scene predominates. As for the discursive linguistic, predominance of short utterances and verbs in the imperative or future and infinitive mode with an imperative value.

The Fanzine Biograficizine is a hybrid text since it combines in a single genre the format of fanzine and the function of an autobiography, as exemplified in figure 10. A narrative text about facts of an individual's life, usually produced in a rudimentary way, with cutouts of letters and illustrations and / or figures, a hand-made sheet and then xerocated and often shows breaks from conventional linguistic-discursive and cultural patterns. Another important discursive property is the coincidence, both in the biograficizine and in the autobiography, between author and narrator and between the author and the main character.

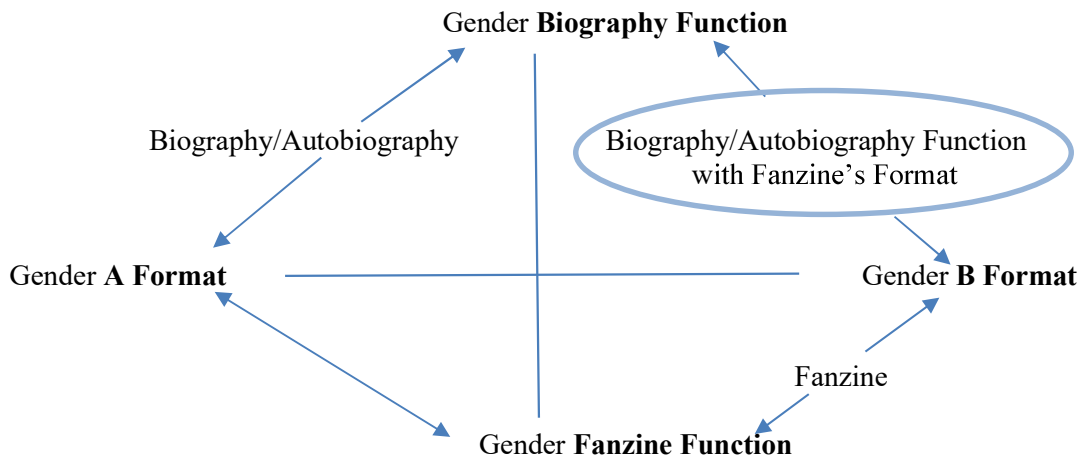
According to Marcuschi (2008, p. 171), there are many problems involved in the issue of intergenericity and, in the absence of conclusive works on the topic, it highlights the importance of discussions involving the subject. The same can be said for the fanzine, further research is needed to generate a theoretical production regarding the hybrid character and the intergeneric process involved in the production of a fanzine.

The fanzine as a hybrid genre, violates already established conventions promoting a break from the conventional and serves to stimulate students' creativity since, to produce a text that carries their identity, they will have to make choices and build their discursive perspectives.

In this sense, the production of a zine is a great resource for exercising the authorship process. Regarding the subject, Andraus (2009, apud PINTO, 2013, p. 19) states that:

[...] it is a very important question in the sense that the individual through the making of a fanzine becomes the author of his own work and expands his individual expression, going in the opposite direction to the standards created by industrial society. In this way, each person becomes an author elaborating their own edition using the formats they deem necessary and dealing with themes of their personal taste (PINTO, 2013, p. 19).

Figure 10: Function Biography with Fanzine's Format



Source: Photographic record and Marcuschi's diagram analyse of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

Muniz (2010, p.18), in the text entitled "In the disorder of the word: fanzines and the writing itself", when analyzing the Fanzine WordDesordem, starts from the assumption that fanzines can be understood as a manifestation of what Foucault called **arts of existence** (emphasis added) conceiving that the writing of this handmade magazine acts as a

practice of inventing oneself, with which individuals constitute themselves and recognize themselves as subjects when they experience the function of authorship (MUNIZ, 2010, p.19).

Still quoting Foucault (2001, p. 26), in the same text, Muniz (2010, p. 20) states that the author can understand not exactly the individual who pronounced or wrote a text, but “the principle of grouping discourse, as the unity and origin of its meanings, as the focus of its coherence”.

The author, then, understands the “function that characterizes a way of existence, circulation and functioning of some discourses in society” (Muniz quotes Foucault, 1992, p. 46). Based on this principle, he identified in the Fanzine PalavraDesordem a plural and dynamic authorship consisting of three **forms of self** (emphasis added):

- 1) the *author-editor*, who acts as the main responsible for the composition of the fanzine and / or the magazine, such as the collection and collage of texts, the assembly, the production of photocopies and prints, the organization of the means of funding, as well as the distribution;
- 2) the *author-narrator*, the one who participates with the texts properly, verbal (written) or non-verbal (imagery, visual), are signed texts (and there the stories, poems and illustrations prevail, although other textual genres also appear, as academic reviews and opinion articles) or anonymous, as in the case of collective poetry, often written on a bar table or on similar wheels;
- 3) the *author-character*, a separate case, and very significant: it is someone from the group who is personified in some text, transformed into a character through the narrative of an experienced and resized episode (MUNIZ, 2010, p. 21).

This plurality in relation to authorship is also seen in other fanzines since, many times, there is no fixed authorship and whoever produces it can play different roles in the production and manufacture of the same. This autonomy provided by the fanzine as a resource that encourages an authorial process has permeated some educational environments and developed potential creative students and teachers. Based on this perspective and on the theoretical framework presented here, the intervention proposal reported below was prepared.

5 INTERVENTION THROUGH FANZINES

Based on the theoretical foundation, the intervention proposal was developed and applied, with the purpose of obtaining the Professional Master's degree in Letters (BARBOSA, 2018), using the didactic sequence of Schneuwly and Dolz (2004) as a procedure for establishing the relationship teaching-learning, in the production of text by children. As already reported, a didactic sequence is a set of school activities organized, in a systematic way, around

a textual genre, taking into account communication in a real situation. Thus, it provides the child, as a student, with a procedure to perform all stages of the production of a discursive, literary, artistic or media genre. The didactic sequence involves four phases: presentation of the situation, initial production, the modules, and the final production.

The proposal was developed in a class of 4th grade of elementary school, with students between 9 and 11 years old, from Escola Municipalizada Tosana, located in the rural area of the municipality of Cabo Frio, state of Rio de Janeiro. It is important to highlight that, before the intervention, more than half of the class did not carry out the textual production activities proposed in Portuguese language classes. The synthesis of the report of the stages developed, demonstrates the power of Fanzines in the appropriation of language and in the production of texts with authority.

5.1 - 1st PHASE: PRESENTATION OF THE SITUATION

The initial presentation of the situation was made and the task to be developed by the students was presented: the production of a fanzine with the stories told in their families. At that moment, considering the collective project, the following were defined: the genre to be produced, the form, the modality and for whom it would be produced. I explained to the students that they would produce a collective fanzine, with stories of oral tradition told by their families, that it would be distributed both in their families and throughout the school community and that they could also produce an individual fanzine whose theme would be chosen by them. In this phase, some copies of the genre were also presented, fanzines of various formats and subjects. The students were able to read, handle and ask questions about their organization.

In a second step, the students did the interview with the oldest person in their family (accessible at the moment). The activity consisted of asking parents, grandparents or older people in the community to tell them a story. The student was asked to register in writing and illustrate the story told. Among the objectives of this stage is the collection of stories for the production of the collective fanzine.

The following week, the stories were socialized through a counting wheel. This activity was carried out in an area outside the classroom, on the school balcony. At that moment, I could see the joy of some students whose parents had never sat down to talk and tell a story or family history. It was a very pleasant morning, full of werewolves, bags and other characters from children's literature. It is interesting to highlight the debate provoked by the various "versions" of sacks and werewolves presented and the discussion around whether the facts

reported by those responsible were “true” or not. A good part of the families lived (some still live) in rural areas, in the middle of reeds, banana plantations and close to forests. And, believe in fact, in the existence of werewolves and sacks.

After systematizing the presentation of the situation, highlighting the main points in relation to the genre to be produced, such as form and content and target audience, we moved on to the second phase.

5.2 - 2nd PHASE: THE FIRST PRODUCTION

This phase aimed to discover the writing potential of students who met in the Arts room. The choice of location was due to the fact that it was wider than the classroom of the class, allowing several groups. Materials and equipment were available, such as various papers, colored and colored pencils, thin and thick colored pens, glue, scissors, clippings, a notebook, a multifunctional printer, and a typewriter.

At first, the students were enchanted by the typewriter, and for approximately half an hour, we talked about its use and operation. Until one of them remembered that some fanzines that had contact in the first phase seemed to have been written with a machine of that type. I also took the opportunity to show how the multifunction printer worked in case they needed to make copies.

After that moment, it was explained that they should produce a fanzine with the researched stories. It could be a collective production or, whoever wished, it could produce an individual fanzine. The activity was developed in 6 classes for two consecutive days. During the execution of the same, the students themselves have been raising some questions about the production of the fanzine. 10 students signaled the need to “learn more about the fanzine format”, how to fold the sheets, how to staple. 4 students demonstrated the desire to learn how to make comic book fanzines, like some they handled in the first phase. At the end of the intended period, we had a kind of “draft” of a collective fanzine and attempts at minizines. An evaluation of the texts produced was made. We then proceed to the next phase: the modules.

5.3 - 3rd PHASE: THE MODULES

The construction of the modules was done to meet the needs raised by the students and teacher, in the previous phase. The sequence was planned so that, on the way, production

was trained for the final elaboration of the fanzine, giving students the necessary tools to overcome the difficulties encountered in the first production.

5.3.1 Module 1: Fanzine workshops addressing the various formats and the editing process

This activity was carried out for two weeks, totaling 6 classes, distributed over two days. It was an interdisciplinary work, involving, besides me, a Portuguese Language teacher, the Artistic Expression teacher and the Information and Communication Technology teacher. The fanzine workshops covered the following topics: definition, origin of the term, types of fanzine, editing process. The same was done in partnership with the extension projects *Ifanzine* and *In Each Corner, A Short Story*, both from the Instituto Federal Fluminense *campus Macaé*.

On the first day, the coordinator of the *Ifanzine* Alberto de Souza extension project talked to the students about their fanzine experience, and then they had contact with various types of fanzines. They handled and read zines of the most varied formats and subjects. In groups, they observed and discussed questions about the contents and structures of the fanzines analyzed by them. After talking about the origin, definition and the most varied formats, the students learned how to elaborate some fanzine formats: the zine brochure, the zine cordel, the snake with pants and the minizine. That day they had the opportunity to train the various formats.

On the second day, issues related to the editing process, the types of illustrations used, the clipping and collage process, how to assemble the cover, the layout, how to assemble the pages and make the zine doll were addressed. As a task, the students had to choose a format worked in the previous meeting and produce a fanzine. The choice for the minizine was unanimous. They were delighted with the folding process that transformed a simple sheet of A4 paper into an 8-page zine without having to staple them.

5.3.2 Module 2: Workshop on comics and humorous texts

The interest of part of the class in the workshop theme arose from the contact with comic book fans. Some students, who generally do not carry out textual production activities in Portuguese language classes, were very interested in this type of fanzine. This activity was also carried out by Alberto de Souza, coordinator of the *Ifanzine* extension project, and developed with the integration of the disciplines Portuguese Language, Reading and Art,

Artistic Expression and Information and Communication Technology. In addition to the material previously made available, students received sketchbooks and pencils 4B and 6B, to carry out the proposed activities.

Nine classes, distributed over three days, were necessary for the development of the activity. On the first day the students studied the head scheme: frontal (mid, high and low lines), profile and half-profile. The study of expressions was also done. On the second day the whole-body scheme was approached, and the movements were studied. On the third day the composition of the strips was discussed: character, scenery, balloons. On that last meeting, onomatopoeia was worked on.

5.3.3 Module 3: *Development of a glossary*

After the students have learned to talk about the fanzine and have acquired ways to observe it from various points of view, it is time to acquire a technical language to express themselves about what they are doing. This activity was developed in two classes. First, we take up orally some concepts learned. While the students were talking, I wrote down keywords on the board, in relation to the fanzine and the comic books. After the list was formed, the students, collectively, tried to define, with my help, each term noted. After registration, on the board, students copied the glossary in the notebook and a poster was made on the brown paper. The glossary was titled *fanzinário* and was displayed in the room for the entire period of the project, for students to consult whenever there was a need.

5.4 - 4th PHASE: THE FINAL PRODUCTION

The time has come for students to put into practice what they learned during the modules. We resumed the initial production, talked about what they had raised about difficulties in relation to the first production of the collective fanzine and whether they had overcome these difficulties after the workshops were held.

We then started the production of a fanzine using the verbal and non-verbal texts produced by the students from the interviews and researched stories.

The students were divided into teams and each one was responsible for a stage of production:

- Typing some stories or rewriting them with handwritten letters. In addition to the computer, a typewriter was available to the students. After selecting the stories that would be part of the zine, each student chose how to present their text (whether it would be handwritten or typed);
- Illustrations (with drawings made by students and assemblies through cutting and pasting);
- Assembly of pages and preparation of the mock-up;
- Production of a text for the presentation of the zine;

After dividing into groups, we started the development of activities that were developed in the period of two weeks, totaling eight classes, during four school days.

Figures 11 e 12: Cover and Back Cover from *Tracinhos da Memória*



Source: Photographic record of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

As soon as the composition of the pages was ready, the class chose the title for the zine. After some suggestions, “*Tracinhos de memória*”¹⁴⁴ was chosen. The choice was made due to the fact that the students had contact, through the *Ifanzine* and *In each corner* extension projects, a short story, with the *Traces of memory 1 and 2* zines that also record tales, stories and memory reports.

The making of the cover (figure 11) and back cover was done on the computer, with the help of the class. The students chose the illustration and I explained that it would be

¹⁴⁴ Memory’s little traces.

interesting to put in the fanzine all the institutions involved in the project. We also agreed to leave a page for autographs (figure 12). They were overjoyed when we talked about this possibility. It seems that, at that moment, they discovered themselves as “authors” of the fanzine.

The following week, with the pages already reproduced, we assembled the fanzine. Four students were responsible for putting the pages in order, another four for folding the pages in half, two students stapled and passed on to three others, responsible for storing them in a box.

Ready fanzines, it is time to mark the day of the autograph session and the way to share this information with the school community. In a collective conversation, it was decided that the students would go to classes to make the invitation orally and, also, an invitation in the form of a minizine would be produced that would be distributed at school and in families. The following week, students produced and distributed the invitations.

In the last week of class, the collective fanzine and the thirty-nine individual minizines produced with the school community were socialized through an autograph morning. Family members were also invited. It was a different morning for the whole school and all the students who were present were delighted with the fact that they signed.

Two hundred copies of the Fanzine Tracinhos da Memória were produced. Each person present (other students, teachers, school staff and family members) received a signed copy. And then, each student in the participating class received 10 copies of the collective fanzine and 5 of the individuals to take home and distribute to their families.

6 RESULTS AND DISCUSSION

The fanzine provided students with the possibility of expressing their own ideas. When producing a text that would circulate socially, without pretending to be a recipient, we found the personal satisfaction of producing and publishing something of his own. They were able to realize that, from fanzines, they can produce texts whose theme is of their own interest and that writing, and their life reality are not that far apart.

The students were very enthusiastic when doing their zines. They had to develop a collaborative work, when producing the collective zine, exercising the socialization of ideas and discussing aesthetic preferences of each one as to the ways of organizing the verbal and non-verbal texts on the pages. In addition, they exercised the linguistic and semiotic self-

analysis of their work in their moments of socialization, expanded their knowledge and demonstrated more autonomy to produce them.

Before the intervention, in general, the students did not show concern for, for example, writing the words correctly.

This concern arose from the moment when they would have their texts really read by other people, without being the teacher. Most of the time, it was the students themselves who signaled if there was a need for correction, as in the following situation.

Figure 13: Cooperative text production and spell checking



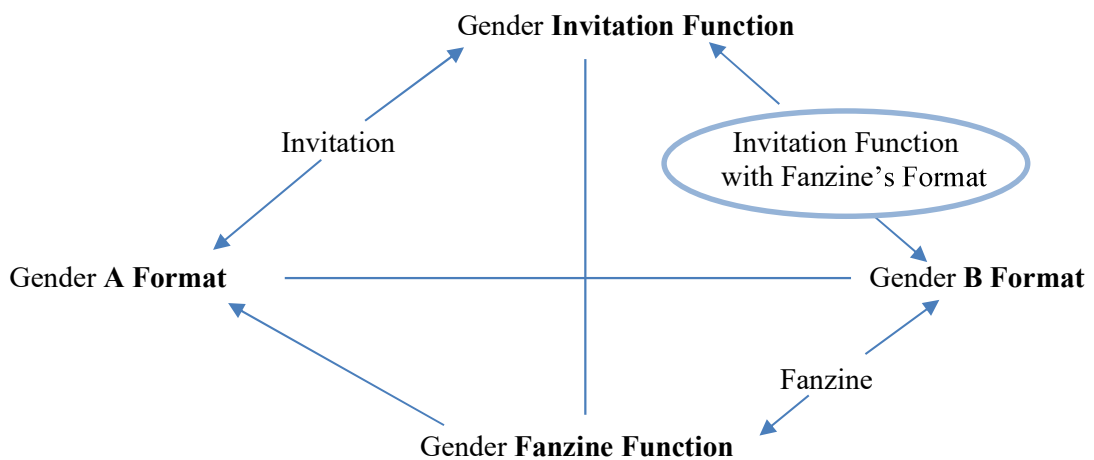
Source: Photographic record of Andrea Gomes Barbosa, 2018.

A student was making the title of a story, when another student realized that there was a letter exchanged (figure 13, first line). He went to his colleague informing that the word "werewolf" was written with the letter M at the end and not N. At that moment, an impasse emerged, since the first said it was correct, it would be with N. The student then went to bookshelf and consulted the dictionary, showing that it would really be with the letter M. This movement took place among the students, I just watched and, the two concluded that it would be necessary to make the title again with the correct letter. This process of reflection, whether individual or collective, was present during the stages of intervention remain after the end.

During the activities proposed in the didactic sequence, I found examples of responsive and active attitudes in the interaction of students in different situations. As Bakhtin states:

Each statement must be seen above all as a response to the preceding statements in a given field (here we conceive of the word “answer” in the broadest sense): it rejects, confirms, completes, is based on them, implies them as known, in a way takes them into account. Because the statement occupies a defined position in a given sphere of communication, in a given question, in a given subject, etc. It is impossible for anyone to define their position without relating it to other positions. Therefore, each statement is full of varied attitudes responsive to other statements in a given sphere of discursive communication (BAKHTIN, 2011, p. 297).

Figura 14: Invitation Function with Fanzine’s Format



Source: Photographic record and Marcuschi’s diagram analyse of Andrea Gomes Barbosa, 2019.

In their productions, the students demonstrated to have knowledge of the function and forms of the fanzine, a discursive verb-visual genre. Despite having a relatively free constitution, it usually presents the related verbal and non-verbal languages. And I believe that this intersemiotic language, with which children live from an early age, was what most interested students.

The intergeneric phenomenon proposed by Marcuschi (2008, p.163) can also be seen in the invitation produced for the autograph morning (figure 14). The shape of it was suggested by a student and the production was done collectively. Intergenericity is present from the moment we have a fanzine text with an invitation function. It requests the presence or participation of someone at an event, in this case we can say literary, informing day, place and time, produced in a rudimentary way, with cutouts of letters and illustrations, hand made sheet and then xerxed and folded in the format of minizine (or pocket zine).

In addition to the contributions already mentioned, I would like to emphasize that the theme chosen for the production of the collective *Tracinhos de Memória* fanzine provided the involvement of the students' family. It was gratifying to hear testimonies from some parents and grandparents informing that, because of the proposed research, there was a greater dialogue in the family: the younger ones looking for the older ones, the older ones "pulling" from memory the stories told by their grandparents and parents or the cases experienced, and retelling them to children and grandchildren.

I could not fail to report, among so many testimonies, the speech of a student, in the morning of autographs: "Some texts we do at school are not interesting, we just copy or the teacher has already chosen the theme and I cannot create, invent. Today, with fanzines, I realized one of my dreams: to be a writer! I am very happy."

7 FINAL CONSIDERATIONS

The fanzine, a verbal-visual discursive genre, promotes a democratic dialogue between teachers, students and society. When producing fanzines, students make choices, build discursive perspectives in the production process, and have the opportunity to produce a text that carries their identity in an original and authentic way. Thus, it was found that working with the fanzine in elementary school meets the guidelines given in official documents such as the PCN (2001, p.23) which emphasizes that it is up to the school to create conditions for the development of the ability to use language effectively that satisfies personal needs and that, in

addition to texts that respond to practical demands of daily life, promotes those that favor critical and imaginative reflection, the exercise of more elaborate and abstract thought forms, these being the most vital for full participation in the literate society.

It should also be noted that BNCC (BRASIL, 2017) brings fanzine and e-zine as textual genres to be worked on in the development of skills related to both reading and textual production in the Portuguese Language curriculum component. However, although they have also been included in the Dictionary of Textual Genres, since 2012, most teachers are not aware of the subject. This fact contributes to the originality and the importance of the present work.

It was found, during all the stages of the intervention described in this article, that the appropriation of the language occurs through social interaction, as well as materialized in the creative processes of text production, according to the reflections proposed by Bakhtin (2011, p. 294) that focuses its attention on the discourse and affirms that all statements, in the communication process, are dialogical and take into account the discourse of others.

That is why anyone's individual discursive experience is formed and developed in a constant and continuous interaction with the individual statements of others. In a sense, this experience can be characterized as a process of assimilation - more or less creator - of the words of the other (and not of the words of the language). Our discourse, that is, all our statements (including the created works) is full of the words of others, of a varying degree of alterity or assimilability, of a varying degree of perceivability and relevance. These words of others bring with them their expression, their evaluative tone that we assimilate, re-elaborate and re-emphasize (BAKHTIN, 2011, p. 294).

Thus, working with the fanzine leads children in the literacy and literacy phase to adopt an “active responsive” attitude, in the Bakhtinian perspective, fulfilling a leading role, interacting and communicating. And for that, the didactic sequence, teaching strategy proposed by Schneuwly and Dolz (2004), provided students with the necessary instruments for the appropriation of the gender worked, contributing to the effectiveness of the intervention.

The fanzine, as a hybrid genre, violates already established conventions promoting a break from the conventional and serves as a stimulus to the students' creativity since, to produce a text that carries their identity, they will have to make choices and build their discursive perspectives. In this sense, the production of a zine is a great resource for exercising the authorship process, as stated by Andraus (2009, apud PINTO, 2013, p. 19)

[...] it is a very important question in the sense that the individual through the making of a fanzine becomes the author of his own work and expands his individual expression, going in the opposite direction to the standards created by industrial society. In this way, each person becomes an author elaborating their own edition

using the formats they deem necessary and dealing with themes of their personal taste (PINTO, 2013, p. 19).

Thus, after applying the intervention, it was possible to analyze and verify that the fanzine serves as a stimulus to children's creativity, reinforcing the authorial processes, and allows them to produce and disseminate texts whose theme is of interest, providing personal satisfaction in producing and publishing something of your own. Consequently, it also results in a textual production that interests other readers and overcomes the limitations of written exercises in formal education environments, exemplified here by Elementary School.

The study carried out contributes to the development of strategies that facilitate the learning of reading and writing, in Portuguese language classes, however it raises other questions regarding the fanzine relationship and textual genres. Therefore, there is a need for the continuity of studies that contribute to the understanding of the fanzine as a support or textual genre and that generate a theoretical framework regarding the hybrid character and the intergeneric process involved in its production, seeking to understand how various genres interpenetrate to constitute it.

REFERENCES

ANDRAUS, Gazy. Minhas experiências no ensino com os criativos fanzines de histórias em quadrinhos e outros temas. In: SANTOS NETO, Elydio dos (org.); SILVA, Marta Regina Paulo da (org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas**. Volume I: o trabalho com universos ficcionais e fanzines. 1ª ed. São Paulo: Criativo, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Andrea Gomes. **Fanzines: autoralidade e expressividade nas aulas de produção textual**. 2018. 147f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6647605. Acesso em 23 fev. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 22 de dezembro de 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. abraFANZINE: da publicação independente à sala de aula. **Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 65-77, 2016. ISSN 1809-8150. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/10053>>. Acesso em: 26 fev. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.5.10.65-77>.

CHAGAS, Isabel; RODRIGUES, B. B. O fanzine: um gênero textual marginal. In: SOARES, Maria Elias (org.). **Pesquisas em Linguística e Literatura**: descrição, aplicação, ensino. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Linguística/Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), 2006. p.151-153. ISBN: 85-906478-0-3. Disponível em: <https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2002/index.html>. Acesso em 26 fev. 2020.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; et. al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. P. 80-128.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Vega, 1992.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. 3ª edição. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

KICK, Russ (org.). **Cânone Gráfico**: Clássicos da literatura universal em quadrinhos. Volume 1. São Paulo: Barricada, 2014.

MAGALHÃES, Henrique. Fanzines de histórias em quadrinhos: conceito e contribuições a educação. In: SANTOS NETO, Elydio dos Santos Neto (org.); SILVA, Marta Regina Paulo da (org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas**. Volume I: o trabalho com universos ficcionais e fanzines. 1ª ed. São Paulo: Criativo, 2013.

MAGALHÃES, Henrique. O rebuliço apaixonante dos fanzines. 3ª edição. João pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

MAINGUENEU, Dominique. Autoralidade e Pseudonímia. **Revista da ABRALIN**, v.15, n.2, p. 101-117, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47886/28821>. Acesso em 23 fev. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUNIZ, Cellina. Na desordem da palavra: Fanzines e a escrita em si. In: MUNIZ, Cellina (org.). **Fanzines**: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 15-28.

MUNIZ, Cellina. (org.). **Fanzines**: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: MUNIZ, Cellina. (org.). **Fanzines**: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 121-133.

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na Educação**: algumas experiências em sala de aula. João Pessoa: Marca de Fantasia. Disponível em: <https://www.marcadefantasia.com/livros/quiosque/fanzinenaeducacao/fanzinenaeducacao2ed.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

SANTOS NETO, Elydio dos. Prefácio: A paixão pelos fanzines e pelo corpo gerando práticas educativas desafiadoras. In: PINTO, Renato Donizete. **Fanzine na Educação**: algumas experiências em sala de aula. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013. p. 5-8. ISBN: 978-65-86031-09-6. Disponível em: <https://www.marcadefantasia.com/livros/quiosque/fanzinenaeducacao/fanzinenaeducacao2ed.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SNO, Márcio. **Oficina de zines**: Guia para educadores. São Paulo: edição do autor, 2014. Disponível em: https://issuu.com/marciosno/docs/cartilha_educadores_-_vers_o2. Acesso em 23 fev. 2020.